

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

ROBERTA VIAL GIACOBONE

**O SUJEITO E AS DROGAS:
MARCAS IDENTITÁRIAS E CONTEMPORANEIDADE**

Prof^a Dr^a. Mônica Medeiros Kother Macedo
Orientadora

Porto Alegre

2012

PONTÍFICA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

**O SUJEITO E AS DROGAS:
MARCAS IDENTITÁRIAS E CONTEMPORANEIDADE**

Dissertação de Mestrado

ROBERTA VIAL GIACOBONE

Profª Drª. Mônica Medeiros Kother Macedo
Orientadora

Porto Alegre, março de 2012.

PONTÍFICA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

**O SUJEITO E AS DROGAS:
MARCAS IDENTITÁRIAS E CONTEMPORANEIDADE**

ROBERTA VIAL GIACOBONE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do Grau de Mestre em Psicologia Clínica.

Prof^ª. Dr^ª. Mônica Medeiros Kother Macedo
Orientadora

Porto Alegre, março de 2012.

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

G429s

Giacobone, Roberta

O sujeito e as drogas: marcas identitárias e contemporaneidade / Roberta Vial Giacobone. – Porto Alegre, 2012.
115 f.

Diss. (Mestrado) - Fac. de Psicologia. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Mestrado em Psicologia Clínica. PUCRS, 2012.

Orientador: Prof^a. Dr^a. Mônica Medeiros Kother Macedo.

1. Psicologia Clínica. 2. Toxicomania. 3. Drogas (Abuso). 4. Psicanálise.
5. Psicanálise. I. Macedo, Mônica Medeiros Kother. II. Título.

CDD: 157.63

Bibliotecária Responsável: Alessandra Pinto Fagundes - CRB10/1244

PONTÍFICA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL

FACULDADE DE PSICOLOGIA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

Roberta Vial Giacobone

**O SUJEITO E AS DROGAS:
MARCAS IDENTITÁRIAS E CONTEMPORANEIDADE**

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof.^a. Dr.^a. Mônica Medeiros Kother Macedo

Presidente

Prof. Dr.^a. Bárbara Conte

Sigmund Freud Associação Psicanalítica

Prof. Dr.^a. Sandra Torossian

Universidade Federal do rio Grande do Sul

Porto Alegre, março de 2012.

*“Depois da primeira palavra não me corto mais.
Eu agora sou ficção. Como ficção eu posso
existir”.*

Eliane Brum

AGRADECIMENTO ESPECIAL

Ao Fábio, pelo encontro.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, ao CNPq pelo financiamento desta pesquisa, sem o qual sua realização não seria possível.

Agradeço à Prof^a Dr^a Mônica Medeiros Kother Macedo pelo trabalho de orientação.

Agradeço aos meus pais, Roselane Vial e Raul Giacobone, pelo amor e pelo companheirismo que sempre estiveram presentes nas nossas relações.

Agradeço ao Rubem e à Júlia, que também cumprem funções parentais na minha vida, sempre com muito carinho.

Agradeço à minha irmã Renata pela parceria de vida que temos, e às minhas irmãs do coração, Karine e Caroline, pela amizade e pelos laços familiares.

Agradeço ao Leonardo Francischelli pela sua possibilidade de escuta desta e de outras histórias.

Agradeço aos meus amigos Milene Petracco, Joana Narvaez, Alexandra Sibemberg e Sadi Machado por serem a família que escolhi para viver a vida comigo, obrigada pelas conversas, pelos conselhos e pelas trocas que sempre se presentificam em nossos encontros.

Agradeço à Lizana Dallazen e à Sandra Veiga por terem me acompanhado neste percurso, estimulando-me a seguir.

Agradeço aos meus colegas do Grupo de Pesquisa Fundamentos e Intervenções em Psicanálise pela prazerosa convivência, que muito fomentou minha possibilidade de produção. Agradeço, especialmente, ao Rafael Lisboa, ao Thomas Gonçalves, à Mariana Baldo e à Roberta Monteiro pela amizade e pelo carinho.

E agradeço, principalmente, ao Bruno e à Giovanna, que se disponibilizaram a falar de seus sofrimentos para mim, obrigada pela confiança.

RESUMO

Diariamente, somos informados dos efeitos problemáticos que o consumo desenfreado de drogas provoca na sociedade brasileira e nos sujeitos toxicômanos. Contudo, também é sabido que a existência de entorpecentes é concomitante à história da humanidade. Desta forma, tornou-se uma inquietação motivadora desta investigação pesquisar quais os aspectos envolvidos nessa realidade epidêmica do uso de drogas na atualidade. Nesse sentido, percebeu-se a importância, nesta pesquisa, de se apresentarem as diversas modalidades de uso de drogas e de se esclarecer que esta investigação deteve-se a estudar o fenômeno das toxicomanias em suas implicações intrapsíquica e social, além de se buscarem alguns aportes que possibilitem problematizar o campo da intervenção. Assim, foi delimitado o objetivo central desta Dissertação: problematizar o Eu toxicômano tomando como pilares o conceito de Eu – conforme o discorrido na obra freudiana – e as questões concernentes à sociedade atual. Para isso, foram elaboradas duas seções sobre o tema: uma teórica e outra empírica. Na seção teórica, pesquisam-se as questões alusivas à subjetividade humana na atualidade utilizando o trajeto identificatório - formador do Eu -, e complexizando-o a partir de aportes teóricos que compreendem as especificidades da contemporaneidade e suas repercussões no processo de constituição psíquica, nos casos de toxicomanias. A seção empírica, por sua vez, foi construída como uma pesquisa de cunho qualitativo, e, nela, busca-se compreender de forma aprofundada as implicações das histórias relacionais de sujeitos toxicômanos na origem de sua patologia, priorizando os aspectos concernentes às suas dinâmicas psíquicas. A partir do relato dos participantes, investigam-se suas passagens pelo trajeto identificatório, suas modalidades de relação objetal e alguns aportes que podem indicar um caminho possível para o tratamento das toxicomanias. Após terem assinado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), os participantes se submeteram a uma série de três entrevistas, gravadas em áudio, e preencheram uma ficha de dados sociodemográficos. Também foi realizada uma entrevista com um familiar/cuidador de cada participante, o qual também assinou o TCLE. A análise dos dados obtidos foi feita pelo método de Análise Interpretativa proposto por Frederick Erickson. Foram criadas quatro asserções, as quais indicaram que, nos casos de toxicomanias, há uma vivência traumática precoce e não metabolizada psiquicamente, peculiaridades no trajeto identificatório, a criação de um circuito pulsional específico e ainda que, no campo da intervenção, o caminho a ser seguido passa por uma passagem subjetiva, da alienação para a autonomia. Este estudo constatou a necessidade de operar com a ideologia de que o oposto da dependência é o conceito de liberdade. Assim, verificou-se que a Psicanálise pode ganhar terreno neste campo clínico, na medida em que, em seus pressupostos, contempla a importância de uma posição autônoma dos sujeitos em relação às suas escolhas, podendo ofertar ao sujeito a (re)construção de sua história e, uma reconstrução do circuito pulsional que possa encadear-se na rede estabelecida pelo campo transferencial. Nesse sentido, o processo da cura comporta, então, uma novidade em termos relacionais: uma relação que se sustenta no pressuposto da alteridade.

Palavras-Chave: Toxicomania; Contemporaneidade; Psicanálise.

Área de Concentração conforme o CNPq: 7.07.00.00-1 (Psicologia)

Subárea conforme classificação do CNPq: 7.07.10.00-7 (Tratamento e Prevenção Psicológica)

ABSTRACT

Every day, we are told about the problematic effects that unbridled drug consumption causes not only in drug addicts, but also in the Brazilian society. However, it is known that the existence of narcotics with de history of mankind. Thus, the motivating concern for this investigation is the research of which aspects are involved in this modern epidemic drug reality. In this study, it seemed important to present the several kinds of drug addictions and to clarify that this particular investigation is only about the intrapsychic and social implications of drug abuse phenomena, and to seeks some contributions to enable the problem on the field of intervention.

There for, the central goal of this thesis is to discuss the addict's ego taking the concept of I – as discoursed in Freud's work – and the issues concerning society these days. For this, two sections on the subject were prepared: a theoretical and an empirical one. In the theoretical section, questions about the current human subjectivity are researched, using the identificatory path – that forms de Ego – and elaborating it from theoretical contributions to understand the specificities of the contemporary world and its repercussions in the process of psychic constitution, especially in cases of addiction.

The empirical section, on its turn, is built as a qualitative research, and in it, the author tries to understand in depth the implications of the addict's relational histories in the source of their pathologies, emphasizing aspects related to their psychological dynamics. Based on participants's stories, it is possible to investigate their passages through the identificatory path, their modes of object relationships and some contributions that may indicate a possible pathway for addiction's treatment.

After signing an informed consent, the participants got into a series of three interviews, recorded on audio, and completed a social and demographic data sheet. It was also carried an interview with a family member or caregiver of each participant, who also signed the informed consent. The data analysis was made by the method of interpretative analysis, proposed by Frederick Erickson. Four assertions were created, which indicated that, in addiction cases, there is a traumatic experience that happened early in life and was not mentally metabolized, also peculiarities in the identificatory path, creation of a specific instinctual circuit and that, in the field of intervention, the path to heal is followed by a subjective passage from alienation to autonomy.

This study demonstrates the need of operating with the ideology that the opposite of dependency is the concept of freedom. Thus, Psychoanalysis can gain ground in this clinical field, in so far as, in its assumptions, considers the importance of an autonomous position in relation to the subject of choice and may offer a (re) construction of life history and instinctual circuits that can chain to the network established by the transference field. Therefore, the healing process entails a novelty in relational terms: a relationship that supports the assumption of otherness.

Key-words: Addiction, Contemporaneity, Psychoanalysis

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO GERAL _____	12
Referências _____	17
SEÇÃO TEÓRICA _____	19
Nos Caminhos da Constituição do Eu: repercussões do processo identificatório na formação das toxicomanias _____	19
Introdução _____	20
O Eu na obra freudiana: um andarilho em busca de guarida _____	21
A causa social e o capitalismo como modelos identificatórios nas toxicomanias _____	30
Quem tem tudo não tem nada: referências e pontos de ancoragem do Eu nas toxicomanias _____	38
Referências _____	44
SEÇÃO EMPÍRICA _____	48
A Subjetividade e A Toxicomania: por uma (Im) possibilidade de ser _____	48
Introdução _____	49
Método _____	51
Sobre as toxicomanias: resultados e discussões _____	55
Contribuições Finais _____	90
Referências _____	93
CONSIDERAÇÕES FINAIS _____	98
ANEXO I Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) _____	104
ANEXO II Ficha de Dados Sociodemográficos _____	107
ANEXO III Descrição dos Estudos de Caso _____	110
ANEXO IV Aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da PUCRS _____	114

INTRODUÇÃO GERAL

De onde surge a inspiração...

Consiste em senso comum a afirmativa de ser o uso de drogas uma prática presente em toda a história da humanidade. Conte (2003) destaca que não existem evidências de qualquer sociedade humana na qual não houvesse a utilização de algum tipo de substância psicoativa. Contudo, o abuso de drogas é um marco social dos tempos atuais, pois é crescente na sociedade contemporânea. Segundo os dados da Organização Mundial de Saúde (OMS, 2001), cerca de 10% da população dos centros urbanos de todo o mundo consome abusivamente substâncias tóxicas. O Ministério da Saúde trata essa questão como epidêmica e dedica recursos financeiros para fomentar estratégias que visem à compreensão e à intervenção nessa realidade, sobretudo pelos dados do Escritório das Nações Unidas Sobre Drogas e Crime (UNODC), no Brasil.

Esse cenário social serviu de inspiração para a tessitura desta dissertação, especialmente pelo interrogante que propõe: essa realidade aponta uma condição de aprisionamento do Eu no assujeitamento, na passividade e na alienação? Pode ser o consumo de drogas uma escolha do ser humano na esfera do prazer? Somam-se a isso vivências clínicas na condução de processos analíticos com analisantes que se debatiam diante de questões que levavam a um uso compulsivo de drogas, enquanto outros as utilizavam de forma social, recreativa ou como uma das modalidades de obtenção de prazer. Mais questões surgiam a partir da escuta psicanalítica: existem diferenças nas formas de uso de entorpecentes? O que faz com que na vida de alguns sujeitos sua dimensão seja parcial, enquanto na de outros tenha um lugar totalizante?

Diante dessas inquietações provenientes da escuta social e clínica emergiu um tema de investigação: as vicissitudes do Eu em sujeitos usuários de drogas. Assim como se percebia na prática, constatou-se teoricamente que existem inúmeras formas de

consumo de drogas. Conforme a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2001), há necessidade de se distinguirem as diferentes modalidades de uso, uma vez que estas podem ser experimentais, ocasionais, habituais ou abusivas. Essa classificação, realizada no âmbito das Ciências Sociais, é similar ao entendimento psiquiátrico sobre o fenômeno, pois ambos os campos consideram a frequência o fator preponderante para o diagnóstico.

Desde a perspectiva da Psicanálise, a tônica dessa diferenciação é norteada por critérios que colocam em lugar de destaque o sujeito consumidor e sua relação com o objeto alvo da pulsão: a droga. A Psicanalista Cynara Ribeiro (2009) afirma que cabe àqueles que se dedicam ao trabalho com essa disciplina considerar na escuta elementos como o Eu e o gozo, para se pensarem os diversos usos de drogas.

Na proposta da autora, existem duas operações de consumo. Ao contextualizar as sociedades ocidentais capitalistas, ela assinala a possibilidade de as drogas, tanto lícitas como ilícitas, virem a fomentar uma nova forma de laço social, na medida em que se oferecem ao sujeito como mais um objeto para ser consumido. Desse modo, o protótipo de aquisição de objetos como sustentáculo da subjetividade seria posto em cena. Logo, há uma encenação da lógica consumista de objetos que proporcionem adaptação às situações sociais, baseado na vertente capitalista. Essa forma de administração das drogas visa à proteção do Eu de um sujeito contemporâneo que, impedido de encontrar um objeto único que sacie o seu desejo, se constitui como sujeito faltante, mas utiliza diversos objetos de consumo na tentativa fazer-se pleno, embora reconheça que esse estado é da ordem do impossível (Ribeiro 2009).

A outra modalidade de consumo destacada pela autora refere-se à toxicomania, uma entrega do Eu à morte, na medida em que essa forma de se intoxicar consiste num desinvestimento do Eu. Nesse cenário, visualizam-se sujeitos que buscam, no encontro

com o tóxico, um gozo na completude. O consumo, nesses casos, cria um atalho referente ao trajeto pulsional no sentido de exclusão do outro e de sua ida e vinda, pois há a aderência a um único objeto que, para Le Poulichet (2005), cumpre uma função vital devido ao estabelecimento de uma relação que não deixa espaço para terceiros, ou seja, o sujeito não pode prescindir da substância, pois ela é sua fundamental fonte de investimento psíquico. Essa vertente, conforme Ribeiro (2009), encontra-se na contramão da vertente capitalista, pois a exclusividade dessa relação coloca no horizonte a morte.

Percebe-se que as questões relativas à dependência química são de competência de inúmeras áreas do saber que, juntas, compõem um campo heterogêneo para pensar os fatores envolvidos e instrumentalizar uma diretriz que sustente a prática. A Psicanálise, em nosso entendimento, tem muito a contribuir como ferramenta de reflexão e recurso de intervenção nessa realidade, na medida em que auxilia na compreensão da subjetividade dos usuários, bem como na busca de um entendimento aprofundado das implicações de suas histórias relacionais na origem e nas configurações de sua patologia. Dessa forma, a Psicanálise aporta elementos cruciais a uma relevante questão de saúde pública, tendo em vista que suas contribuições podem colaborar para a elaboração de estratégias de intervenção preventivas em redes públicas de saúde e para a problematização da multifacetada questão do consumo de entorpecentes.

Mesmo reconhecendo as diversas facetas que esses consumos apresentam, pois podem ser pensados desde as perspectivas social, econômica, de saúde, de justiça, antropológica, organicista ou psicológica, situa-se esta escrita no campo psicanalítico. E, nessa direção, pensa-se ser importante definir o escopo desta reflexão: problematizar o Eu toxicômano tomando como pilares o conceito de Eu – conforme o discorrido na obra freudiana – e as questões concernentes à sociedade atual, para articular as esferas

social e clínica, com o objetivo de se analisarem seus pontos de intersecção e suas repercussões nessa manifestação subjetiva.

É em Freud que se encontra respaldo para o trabalho de articulação entre essas diferentes esferas. Sua observância a essa relação pode ser vista no decorrer de sua obra. Em “Moral Sexual Civilizante e Nervosismo Moderno” (Freud, 1908/1969), são apontadas as contribuições da sociedade repressora do século XIX para o padecimento neurótico. Em “Reflexões Sobre os Tempos de Guerra e Morte”, Freud (1915/1969) teoriza a respeito da marca primordial da cultura sobre a constituição psíquica e sua inevitável relação. Alguns anos mais tarde, o autor afirmou ser a cultura uma fonte de malestar, na medida em que está diretamente implicada no impedimento e nas formas de satisfação dos elementos pulsionais (Freud, 1930[1929]/1969). Em inúmeros de seus artigos, percebe-se a preocupação de Freud com a importância da cultura nas formações do Inconsciente, sobretudo porque o homem nasce sujeito da natureza, e a operação da castração, oriunda das demandas da civilização, o transforma em sujeito da cultura. Entende-se ser importante, então, uma reflexão acerca das características da sociedade atual para se pensar suas repercussões no psiquismo.

Autores da Psicanálise contemporânea acreditam ser a toxicomania um sintoma social (Melman, 1992; Birman, 1999; Le Poulichet, 2005). Essa modalidade de consumo de drogas assim se apresentaria devido à articulação existente entre a prática discursiva própria a esse quadro psicopatológico e sua inscrição no discurso social dominante em nossa época (Melman, 1992, 2003).

A partir da constatação da atualidade e da importância do tema descritas nessa linha argumentativa, esta dissertação de mestrado, intitulada **O Sujeito e as Drogas: Marcas Identitárias e Contemporaneidade**, foi desenvolvida no Grupo de Pesquisa Fundamentos e Intervenções em Psicanálise, coordenado pela Prof^a Dr^a Mônica

Medeiros Kother Macedo. Esse grupo de pesquisa está inserido na área de concentração Constructos Teóricos, Modalidades de Avaliação e Intervenção na Construção do Conhecimento em Psicologia Clínica do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PPGP-PUCRS). Vinculado ao Projeto Guarda-Chuva Psicopatologia Psicanalítica do Grupo de Pesquisa, este estudo foi desenvolvido com base no projeto **O Sujeito da Dependência Química: Um Olhar Psicanalítico Acerca da Alquimia dos Humores**, tendo sido encaminhado para apreciação da Comissão Científica da Faculdade de Psicologia da PUCRS e do Comitê de Ética em Pesquisa da PUCRS e recebido aprovação em 28 de fevereiro de 2011. A partir desse projeto, foram organizadas duas seções de estudo sobre o tema, de acordo com a Resolução nº 002/2007, de 06/11/2007, do PPGP-PUCRS. A primeira seção, intitulada *Nos Caminhos da Constituição do Eu: Repercussões do Processo Identificatório na Formação das Toxicomanias*, é de cunho teórico, e a segunda, intitulada *A Subjetividade e a Toxicomania: Por uma (Im)Possibilidade de Ser*, tem caráter empírico.

A seção teórica busca pesquisar as questões alusivas à subjetividade humana na atualidade utilizando o trajeto identificatório - formador do Eu -, amplamente desenvolvido na obra freudiana, e complexizando-o a partir de aportes teóricos que compreendem as especificidades da contemporaneidade e suas repercussões no processo de constituição psíquica, nos casos de toxicomanias. A seção empírica, por sua vez, foi elaborada a partir do Projeto e teve como objetivo a busca da compreensão aprofundada das implicações das histórias afetivas e relacionais de sujeitos toxicômanos na origem de sua patologia, priorizando os aspectos concernentes às suas dinâmicas psíquicas. A partir do relato de Giovanna e Bruno, investiga-se suas passagens pelo trajeto

identificatório, suas modalidades de relação objetal e alguns aportes que buscam indicar um caminho possível para o tratamento das toxicomanias.

Para tanto, foi realizada uma série de três entrevistas com os participantes, dois sujeitos toxicômanos que buscaram auxílio em uma instituição destinada ao tratamento de dependentes químicos, e uma entrevista com um familiar de cada sujeito. Além do material coletado nas entrevistas, fizeram parte do Estudo de Caso de cada participante os dados oriundos do preenchimento de uma ficha sociodemográfica (Anexo II) desenvolvida pelo grupo de pesquisa. A análise dos dados obtidos foi feita pelo método de Análise Interpretativa, proposto por Frederick Erickson (1997).

Dessa forma, buscou-se contribuir com a compreensão do fenômeno das toxicomanias de forma aprofundada, contando com a Psicanálise como teoria de sustentação da investigação. O cenário social descrito esclarece a importância de produzirem-se pesquisas que possam orientar a prática dos profissionais que se defrontam com esta realidade no campo da saúde mental e na especificidade da clínica psicanalítica.

Referências

- Birman, J. (1999). *O mal-estar na atualidade: a Psicanálise e as novas formas de subjetivação*. Rio de Janeiro: civilização brasileira.
- Conte, M. (2003). *A clínica psicanalítica com toxicômanos: o “corte & costura” no enquadre institucional*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC.
- Erickson, F. (1997). Metodos cualitativos de investigación sobre la enseñanza. In M. Wittrock (Org.), *La investigación de la enseñanza* (pp. 195-301). Barcelona: Paidós.
- Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crime. (2009). *World Drug Report 2009*. Acesso em 25 de setembro de 2009, disponível em <http://www.unodc.org/brazil>.

- Freud, S. (1908/1969). Moral sexual civilizante e nervosismo moderno. In J. Strachey (Ed. e Trad.), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 9, pp. 185-210). Rio de Janeiro: Imago
- Freud, S. (1915/1969). Reflexões sobre os tempos de guerra e morte. In J. Strachey (Ed. e Trad.), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol.14, pp. 309-341). Rio de Janeiro: Imago
- Freud, S. (1930[1929]/1969). O mal-estar na civilização. In J. Strachey (Ed. e Trad.), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 21, pp.81-170). Rio de Janeiro: Imago.
- Le Poulichet, S. (2005). *Toxicomanias y Psicoanálisis: las narcosis del deseo*. Buenos Aires: amorroroto.
- Melman, C. (1992). *Alcoolismo, delinquência e toxicomania: uma outra forma de gozar*. São Paulo: escuta.
- Melman, C. (2003). *O homem sem gravidade: gozar a qualquer preço*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- Organização Mundial da Saúde. (2001). *Classificação de transtornos mentais e de comportamento da CID-10: referência rápida*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Ribeiro, C. (2009). Que lugar para as drogas no sujeito? Que lugar no sujeito para as drogas? Uma leitura psicanalítica do fenômeno do uso de drogas na contemporaneidade. *Ágora*, 12(2), 333-346. Rio de Janeiro. Acesso em 14 de abril de 2010, disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982009000200012.

SEÇÃO TEÓRICA

**NOS CAMINHOS DA CONSTITUIÇÃO DO EU: REPERCUSSÕES DO
PROCESSO IDENTIFICATÓRIO NA FORMAÇÃO DAS TOXICOMANIAS**

Introdução

Diariamente, os meios de comunicação informam sobre a crescente disseminação do uso de drogas, principalmente na sociedade ocidental capitalista. É de conhecimento público que a prática do uso de substâncias que alteram os estados da percepção e da consciência se constitui como um fenômeno presente em todos os agrupamentos sociais, ou seja, todas as culturas, inclusive a brasileira, conhecem e procuram as drogas com fins diversos. Uma pesquisa realizada pela Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas aponta que 49% dos jovens universitários brasileiros já experimentaram substâncias tóxicas ilícitas. Discutindo esses dados, a coordenadora do Núcleo de Estudos de Drogas, AIDS e Direitos Humanos da UERJ, Professora Gilberta Acelrad (2011), afirma que o caos que se vive em relação às drogas é um fenômeno recente, que tem, no máximo, 100 anos.

A constatação de que se vive numa era de difusão das práticas de consumo de entorpecentes é reconhecida pelo Governo Federal, pelos veículos midiáticos e pelas instituições responsáveis pela saúde pública, sejam elas governamentais, ou não. Além disso, grande parte da população do País fica suscetível não apenas a esse cenário de consumo, como também a uma realidade de extrema vulnerabilidade social devido à guerra do Estado contra as drogas (Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas, 2001, 2005). Muitas são as consequências da proliferação desse mercado ilegal, como as questões referentes à violência, que incluem o narcotráfico e a venda de armamentos, para citar alguns dos fenômenos relacionados à temática.

Acredita-se ser fundamental incluir nessa discussão a problemática subjetiva e a convocatória de consumo da sociedade capitalista que interpela os sujeitos os impelindo a práticas de aquisição de objetos na busca do prazer. Desse modo, busca-se ampliar o entendimento dessa realidade visando fomentar um olhar que não se restrinja a atribuir

as consequências sociais e psíquicas observadas somente aos efeitos proporcionados pelas substâncias, cada vez mais potentes. Nesse sentido, é importante a tentativa de teorizar-se acerca do *sujeito pós-moderno* (Dufour, 2005), destacando-se peculiaridades nos seus modos de ser e estar no mundo.

Mesmo reconhecendo-se as diversas facetas que o consumo de drogas apresenta, foca-se esta escrita no fenômeno das toxicomanias no campo psicanalítico. E, nessa direção, pensa-se ser importante definir o escopo da reflexão: problematizar a constituição do Eu a partir do processo identificatório, temática desenvolvida na obra freudiana, e, em paralelo, abordar questões concernentes à sociedade atual, para, por fim, se articularem essas esferas, no intuito de trabalhar seus pontos de confluência e suas implicações na formação das toxicomanias.

O Eu na obra freudiana: um andarilho em busca de guarida

O tema da formação do Eu é abordado ao longo da obra de Freud por ser um conceito importante de sua teoria na medida em que se encontra associado ao processo de fundação do aparelho psíquico. A Psicanálise, em seu contexto de surgimento – século XIX –, deparou-se com uma prática psicológica que se inseria na retórica fisiologista e neurológica e que se alicerçava como o paradigma das ciências humanas da época. O registro da vida inseria-se e limitava-se a esta perspectiva biológica. Conforme Birman (2009), nesse cenário, o enfoque da Psicologia era o comportamento e a consciência, na tentativa de ser uma matéria livre da alma e da linguagem.

O campo de emergência dessa nova disciplina era intensamente marcado pela psicologia experimentalista, que insistia em inscrever as faculdades psíquicas – o Eu e a Consciência – no registro anatômico. A Psicanálise veio romper com essa lógica psicologizante, apresentando-se como uma crítica a essa forma de pensar as questões psíquicas. Freud escrevia seus artigos propondo uma concepção que ia além da

psicologia experimentalista, logo, uma metapsicologia, indicando um aparato que abrangia além dos limites do Eu e da consciência (Birman, 2009). Assim, a Psicanálise descentrou a noção de sujeito desses conceitos ao adotar em seu discurso o constructo do Inconsciente como instância primordial no regimento da dimensão subjetiva.

Junto com a Psicanálise, surgiu uma nova maneira de se pensar o Eu, menos vinculado à Consciência e ao comportamento, mas constantemente interpelado pelas causas do Inconsciente, a saber, pela sexualidade infantil. Freud (1900/1969) criou o protótipo de um aparelho mental mais amplo que a Consciência, que lida com intensidades e representações e que se refere à linguagem e à força do vivido no campo relacional, promovido pelo encontro com o outro semelhante.

A criação freudiana do Inconsciente provocou um novo registro para o campo psicológico, uma vez que o próprio conceito de Eu, até então fundido com a visão anatômica e regido pela Consciência, ganhou novos contornos. Freud (1895/1969), no artigo intitulado “Projeto Para uma Psicologia Científica”, ocupou-se dessa temática. Nesse texto que, de acordo com Birman (2009), ainda é atravessado pelo caráter fisiologista da época, a capacidade judicativa, ou seja, o julgamento que vai permitindo a discriminação entre o Eu e o não-Eu, é descrita como uma importante atividade para o processo de devir. Com isso, indica uma inexistência original dessa instância – o Eu –, o qual, no escrito “À Guisa de Introdução ao Narcisismo” (Freud, 1914/1969), é explicitamente afirmado.

O Eu não está presente desde o princípio, e se, no primeiro texto (Freud, 1895/1969), a ele é conferido uma série de atributos e funções especiais, como a atividade intelectual do juízo, no segundo artigo (Freud, 1914/1969), ele é compreendido como a imagem unificada da pessoa, separada dos outros. Essas duas

perspectivas podem ser entendidas como complementares e não excludentes, pois só se chega a essa imagem unificada a partir da capacidade de emitir juízos.

Nesse período da obra freudiana, compreendido como o período da Teoria Topográfica, a noção de Eu seria resultante de um trabalho do psiquismo, que, concomitantemente, se estrutura como aparelho mental. Logo, na dimensão topográfica, o Eu estaria excluído dos domínios do sistema Inconsciente (Ics), mas a sua criação é constantemente interpelada por este, pois, nessa tarefa de construção do si mesmo, as vivências oriundas da sexualidade infantil organizam essa nova instância, ao mesmo tempo em que sofrem ação do recalque e ficam armazenadas no sistema Ics. Assim, o Eu seria de domínio do sistema Pré-Consciente–Consciente (Pcs-Cs), mas comportaria inscrições que poderiam ser descritas como inconscientes em termos de qualidade das representações. São os precipitados dessas vivências infantis que consistem no substrato de formação dessa nova instância (Freud, 1895/1969).

As memórias oriundas das experiências primordiais de satisfação e de dor fundam o Eu (Freud, 1895/1969). Nas primeiras, a partir do encontro com o objeto da ação específica, indiscriminado do Eu, há a descarga da intensidade endógena que produz desprazer e, conseqüentemente, o acesso do sujeito ao conforto e ao prazer. Contudo, o desencontro com o objeto ocasiona um retorno às marcas mnêmicas, intensidades retidas pelas barreiras de contato em experiências anteriores, criando a experiência da alucinação satisfatória do desejo.

A tônica aqui estaria nessa dinâmica de encontro/desencontro com o objeto da satisfação. Encontrá-lo num momento primevo é essencial tanto para a sobrevivência biológica quanto para a psíquica, pois é a qualidade desse encontro, registrada por sucessivas experiências, que marca o Eu desse novo sujeito com os registros do desejo do outro semelhante. Todavia, o desencontro com o objeto de satisfação possibilita a

criação de vias colaterais de descarga para a intensidade que acomete o bebê e lhe provoca desprazer. O *infans*, diante da ausência da satisfação, recorre primeiro à descarga motora, gritando e chorando na tentativa de aplacar o desconforto. Pela ineficácia desse método, recorre às marcas mnêmicas oriundas de experiências anteriores de satisfação e encontra alívio na alucinação satisfatória do desejo, para, posteriormente, postergar a descarga através do pensamento. A criação das vias colaterais coloca em destaque o lugar do outro na constituição do Eu, tendo em vista que a matriz do pensamento tem origem no processo de identificação do bebê com a tarefa de drenar as intensidades, atribuída, primeiramente, ao outro primordial, indiscriminado do Eu, e, posteriormente, conferida ao próprio si mesmo.

A experiência de dor é proveniente de intensidades advindas do ambiente externo, que, devido à sua magnitude, rompem a tela protetora das terminações nervosas, inundando o aparato psíquico de desprazer e produzindo marcas mnêmicas. Dessa forma, o estado de desejo, resultante da experiência de satisfação, deixa atrás de si uma atração desejável pela imagem mnêmica do objeto, enquanto a experiência de dor gera uma repulsa por manter investida essa imagem (Freud, 1895/1969). É importante marcar-se que, em “Além do Princípio do Prazer”, Freud (1920/1969) constata a ação de uma força compulsiva presente no sujeito que o impele à rememoração ou à remontagem de experiências puramente desprazerosas. O autor nomeia essa força como Compulsão à Repetição e a compreende como uma tendência mais primitiva, elementar e instintual que o princípio do prazer.

Ressalta-se que essas duas experiências formadoras do Eu são condicionadas à presença do outro semelhante. Por serem experimentadas no campo relacional, entende-se que é o encontro com o objeto, representante da realidade externa, que possibilita ou impede a descarga das intensidades endógenas, assim como filtra ou incrementa as

excitações exógenas que ingressarão no aparato psíquico para serem metabolizadas. A qualidade dessa relação inaugural tem lugar de destaque no processo de construção do si mesmo e pode ter tonalidades mais marcadas pela força de Eros ou pela destrutividade de Tanatos.

Constata-se a importância do encontro com o outro semelhante, representante da cultura, para que esse Eu inicial, completamente indiscriminado do mundo exterior, denominado “Eu realidade originária”; possa galgar a posição de “Eu realidade definitiva” (Freud, 1915/1969). O primeiro consiste em um Eu rudimentar, em uma potencialidade de vir a ser, ainda independente do princípio do prazer. Nesse momento, o que há no sujeito são pulsões parciais que se satisfazem de forma autoerótica, no próprio corpo. Assim, para o “Eu realidade originária”, o mundo exterior não desperta interesse, uma vez que a pulsão se satisfaz de forma autoerótica, independentemente do objeto. Contudo, dependerá inteiramente do encontro com o outro semelhante a possibilidade de o Eu se complexizar e se transpor para o lugar de “Eu realidade definitiva”, atravessado pelos investimentos identificantes, pelo registro da castração e por um projeto identificatório que orienta o devir do sujeito.

Devido à precariedade inicial do Eu, sua forma de distinguir entre o interno e o externo é um sólido critério objetivo, a saber, a ação muscular. É a partir da possibilidade de afastar-se ou de aproximar-se de determinados estímulos, no intuito de fazer cessar seu afluxo, que as primeiras inscrições e demarcações entre o território interno e o externo vão sendo feitas. Também a descarga das intensidades excessivas é realizada pelo pólo motor, a única fonte de alívio possível para um Eu que ainda não conhece as condições de metabolização próprias do trâmite psíquico complexo. Freud (1915/1969) propõe que, para essa modalidade de Eu, o prazer está contido nele e o exterior não existe, sendo indiferente, ou, por vezes, desprazeroso.

As demandas biológicas, oriundas do corpo são o mote para o encontro com o outro semelhante, encontro este que funda o campo pulsional, encontrando na necessidade corporal a sustentação do desejo. Esse contato inicial apóia-se, então, nas práticas de cuidado, mas o adulto que as desempenha opera, concomitantemente, a sua função conservativa, a inscrição de demandas inconscientes nesse novo ser de quem cuida. É essa dimensão de desejo que outorga um novo estatuto ao Eu, fazendo com que este assuma a posição de Eu ideal, reduto de ilusória perfeição e completude. O capital para essa nova instância, de acordo com Freud (1914/1969), é o próprio narcisismo parental, que, ao ver-se encurralado pelas proibições oriundas da realidade, sofre ação do recalque. Porém, com o advento de um novo ser, esses conteúdos adormecidos retornam e são projetados sobre a cria humana, que, passiva, precisa identificar-se com esse desejo primordial para vir a ser um Eu.

Nesse período em que o bebê ocupa a posição de “Sua Majestade o bebê”, na sua ótica, há uma posição de autoengendramento, uma vez que seu Eu é percebido ainda como fusionado ao não-Eu. Assim, a completude experimentada depende dessa posição subjetiva de alienação ao outro tanto em seu corpo quanto em seu desejo, que precisam surgir e ser oferecidos como pontos de ancoragem, pontos de referência para esse novo Eu que se constrói (Freud, 1914/1969).

Trabalhando na perspectiva da faculdade judicativa, nesse período, tem-se uma posição de “Eu puro prazer” (Freud, 1925/1969), constituído desconsiderando qualquer possibilidade de teste de realidade, o que faz com que a diferenciação entre o território externo e o interno ainda não se presentifique com limites claramente definidos. O sujeito utiliza, então, o juízo de atribuição, na tentativa de introjetar o que considera bom e projetar o que julga mau para o exterior. Dito de outra forma, no “Eu puro prazer”, o Eu é reduto das qualidades internalizadas pelo mecanismo da identificação, e

o não-Eu é a zona dos malefícios, através da possibilidade de ejetar para fora de si o que julga mau, mantendo-se no campo da plenitude.

Entretanto, fraturas nessa ilusória completude são inevitáveis. Seus registros psíquicos podem possuir distintas intensidades, mas a ausência do objeto, em alguma medida, faz com que o Eu se depare com a experiência de dor e com a insatisfação, fruto do acúmulo de intensidades pulsionais. Rompe-se o domínio do princípio do prazer no momento em que a realidade se impõe, evidenciando a ilusão desse estado inicial de fusionamento. Nesse contexto, a busca do Eu é encontrar uma identidade entre o registro mnêmico e a percepção, para que, assim, possa realizar uma descarga pulsional. Porém, quando essas realidades não coincidem e a demanda biológica não pode ser satisfeita, o Eu tem que enfrentar um novo desafio, o de lidar com a experiência de falta. Diante dessa incompatibilidade entre a lembrança do desejo e a percepção, o Eu é impelido a desenvolver a capacidade de pensamento, complexizando os recursos do aparelho psíquico. É nesse movimento judicativo, pareando representação e realidade material, juízo de existência, que o Eu se constitui como instância separada do não-Eu.

Logo, o pensamento é oriundo da condição de falta. Quando não há essa coincidência entre registro mnêmico e realidade perceptiva (identidade perceptiva), o rumo da atividade de pensar pode seguir duas correntes: ou se dirigirá às lembranças evocadas e ficará rememorando a satisfação num processo alucinatório de realização do desejo, ou permanecerá na busca da justaposição com a percepção, produzindo a possibilidade de reconhecimento da discrepância entre a inscrição da memória e a realidade da percepção (identidade de pensamento), operando o processo de separação entre o Eu e o não-Eu, dando marcha ao rompimento com o estado de completude

decorrente dessa posição inicial de autoengendramento do Eu com o objeto (Freud, 1895/1969, 1915/1969, 1925/1969).

O reconhecimento da condição de falta dá lugar a uma nova posição do Eu, agora dotado da constatação de sua incompletude. A inexistência primordial de uma diferenciação entre a esfera subjetiva e a objetiva cria a necessidade de operá-la para que o Eu se constitua como uma instância separada do não-Eu (Freud, 1925/1969). Logo, para que o Eu possa sair de uma posição de inteira alienação e galgar espaços de maior autonomia, é necessário reconhecer-se na diferença do outro. Para isso, há a exigência de deixar de lado, mesmo que temporariamente, o princípio do prazer, para que a capacidade de pensamento se desenvolva. Assim, Freud (1895/1969) apresenta sua hipótese de que uma função intelectual como o pensar surge a partir do jogo de forças pulsionais primárias.

As experiências iniciais demonstraram a importância de distinguir entre a presença/ausência do objeto de satisfação da pulsão, fonte de alívio e descarga para o que é da ordem do orgânico, primeiramente. Desse modo, soma-se à importância de saber se esse objeto é bom ou mau a tarefa de descobrir sua existência, ou não, no meio externo de modo que o Eu incipiente possa apoderar-se dele quando necessário, tendo em vista que as representações mentais são decorrentes das repetições no campo perceptivo.

Estas representações não são idênticas às percepções, mas têm nas atividades sensoriais sua origem. Contudo, elas diferem na medida em que as representações são dotadas de desdobramentos psíquicos, como a condensação ou a ausência de determinados elementos do objeto, formando uma nova produção do real (Freud, 1925/1969). Todavia, essa capacidade de confrontar representação e realidade necessita da suspensão do princípio do prazer, uma vez que, para o teste de realidade ser feito, é

preciso que ocorra o reconhecimento do objeto como descolado do Eu. Dessa forma, é da atividade de emitir juízos que decorrem os primórdios do processo identificatório e constitutivo do Eu, uma vez que é através dela que o Eu se identifica ou rejeita determinados elementos do objeto externo na tarefa de construção do si mesmo.

A dura constatação da incompletude, decorrente da necessidade de abrir as fronteiras que separam essa dupla inicial mãe-filho do restante do mundo, implica o reconhecimento e a aceitação da condição de falta, a inserção do princípio da realidade e a busca de um projeto identificatório para o Eu. Esse período da vida psíquica coincide com a entrada de um terceiro no campo das experiências, ou seja, com a constatação de que o desejo do objeto primordial se direciona também para outros focos, pois a mãe investe em elementos da realidade que se encontram além da unidade que forma inicialmente com seu filho.

Assim, o terceiro, classicamente representado pelo pai, pode ser compreendido como a dimensão cultural, ou seja, a função paterna que, ao inserir uma interdição, impele à criação de um caminho de vir a ser para esse Eu em formação. Surge, então, a necessidade de o objeto primordial endereçar suas demandas e seu desejo para além do campo fusional inicial, espaço da ilusória completude. A condição de transformações no Eu, encenada pela resignificação do narcisismo primário, é o reconhecimento da incompletude materna. Essa constatação possibilita a passagem do Eu-Ideal para o Ideal-do-Eu, saída de uma posição de ilusória completude para o reconhecimento da falta e para a construção de metas psíquicas a serem atingidas, albergadas no desejo do outro primordial e de seus sucessores, transmitidas pela via dos enunciados. Esses discursos identificantes provindos do exterior formam um Eu-Ideal que, a partir do registro primeiro da castração, se transforma em Ideal- do- Eu. Esse é o caminho da formação do Eu, que tem como ponto de partida a unidade narcísica mãe-filho, que é

sucedida pela alteridade mãe-filho, ou seja, Eu-outro. Sob a pressão das funções sexuais não auto-eróticas e das pulsões de autoconservação, o Eu transformar-se-á em “Eu realidade definitiva”, um Eu adulto, submetido ao princípio de realidade.

A dimensão da impossibilidade de permanência num estado fusional, a qual opera essa passagem subjetiva, é decorrente de uma imposição da realidade externa. Assim, o objetivo e o subjetivo equilibram-se no modelo de uma balança energética, que tem, de um lado, o princípio do prazer e, de outro, o da realidade. A coexistência desses princípios é a origem do ritmo que vai formando o Eu nessa alternância presença/ausência, prazer/realidade, completude/falta. São as representações oriundas das experiências com o outro semelhante e as marcas da interdição da completude que possibilitam que um Eu passivo e submisso possa ocupar uma posição de maior atividade e autonomia.

O ponto de ancoragem para o Eu em formação é, sem dúvida, o outro semelhante, interpelado pela cultura, referência para um novo ser. Esse outro, entendido como primordial, se se considerar a intensidade da dependência inicial, é a encarnação de uma função que, mais tarde, será elucidada pela cultura e pela educação, simbolizada, muitas vezes, pelas instituições sociais, símbolo dos cuidados, da autoridade e reduto das proposições morais. Logo, a esfera social não está excluída do processo identificatório, pelo contrário, é condição determinante para as novas inquietações subjetivas.

A causa social e o capitalismo como modelos identificatórios nas toxicomanias

Para problematizar o fenômeno do consumo de drogas na atualidade, é preciso reportar-se a um tempo passado. Ao se afirmar ser consenso a constatação de que o uso de substâncias que alteram a percepção e a consciência é concomitante à história da

civilização, tem-se que situar o momento em que essa prática passou a se constituir como um problema social. O consumo de substâncias com propriedades sedativas, estimulantes ou extasiantes esteve e está presente nas mais diversas sociedades, mas há diversas práticas de consumo no contexto histórico, pois o que legitima o significado atribuído a elas não é objetivamente o ato de consumir, mas, principalmente, a dimensão subjetiva que designa sentidos diversos a esse ato.

Cada povo apresentava distintas tradições atreladas ao uso de substâncias psicoativas. Elas já foram procuradas com fins de nutrição física, como remédio ou, ainda, como alimento para os sonhos, no intuito de alcançar o transcendente, regular o humor, buscar a paz ou a excitação (Martins, 2011). Existem relatos concernentes ao uso que os indígenas faziam de ervas e raízes com fins ritualísticos e medicinais, além dos festivos. Conforme Ribeiro (2008), a utilização de substâncias como a papoula, a coca e o cogumelo, tanto nas sociedades arcaicas quanto nas indígenas, remetia ao sagrado, na medida em que a divindade da natureza era simbolizada pelas substâncias dela provenientes. Dessa forma, essa modalidade de consumo fazia referência a uma dimensão transcendente, podendo até mesmo representar entidades divinas.

Nas sociedades antigas, o uso do ópio (Duarte, 2005), assim como o do álcool, estava inserido no contexto intelectual. Um claro exemplo é encontrado no escrito “O Banquete”, parte da obra do filósofo grego Platão (380 a.C.), relatando as idéias de Sócrates. Os banquetes eram ocasiões sociais em que os pensadores se reuniam em torno da prática de debaterem uma ideia, produzindo discursos sobre determinadas temáticas. Eles jantavam e, posteriormente, dedicavam-se à proclamação de seus discursos, regada a muito vinho. No jantar oferecido por Ágaton, descrito no texto em questão, a finalidade era debater sobre o amor, e a presença do vinho, que ocupava um lugar especial, foi questionada por seus convidados. A decisão de beber conforme a

vontade de cada um evitava o constrangimento de não cumprir o protocolo: beber até cair. Percebe-se que o tóxico aqui cumpria uma função específica: aproximar os filósofos da verdade e propagar os seus potenciais intelectuais.

Na sociedade grega, a droga era designada pela expressão *farmakon* (Derrida, 1991), palavra que, devido à sua origem polissêmica, pode representar tanto um veneno quanto um remédio. Assim, o *farmakon* cumpria naquela sociedade mais de uma função, pois estava associado à produção de conhecimento, ao prazer, ao cuidado de si, dentre outras. Porém, como lembra Ribeiro (2008), esses consumos eram marcados pelo divino, tendo em vista que Baco, o deus do vinho, era considerado um legislador, promotor da civilização. Ele era homenageado durante os banquetes, por isso o consumo exacerbado de vinho, que fazia com que os homens, alcoolizados, proclamassem seus discursos.

Na Idade Média, com o Cristianismo, o consumo passou a ser regulado pela Igreja. O Cristianismo pregava a resignação frente ao sofrimento, que, na sua perspectiva, dignificava o homem e facilitava seu acesso ao reino dos céus. Nesse contexto, o consumo de drogas passou a ser associado ao pecado. Iniciou-se, nessa época, uma política de imoralidade em relação aos tóxicos (Ribeiro, 2008).

Quando os grupos humanos começaram a se reorganizar na polis, com o término do sistema feudal, na Idade Moderna, emergiu a necessidade do comércio e das trocas como forma de subsistência da população, assim como da circulação de moedas. Nasce aí o Modo de Produção Capitalista, valorizando o consumo e o lucro e fomentando o aumento das atividades comerciais. Nesse cenário, o comércio de entorpecentes ganhou lugar de destaque entre os objetos de consumo (Ribeiro, 2008).

Já no século XX, na década de 60, com o surgimento do movimento *hippie*, o uso de narcóticos expandiu-se, sobretudo no festival de *Woodstock*, ocorrido em Nova

Iorque, em 1969, quando manifestações musicais estavam associadas a um movimento de ruptura com uma sociedade moralista e desigual. Militantes de um movimento de contracultura, os *hippies* articulavam-se a serviço da liberação da repressão social e sexual da época. Através do ideal romântico "Faça amor, não faça a guerra", numa referência à guerra do Vietnã, traduziam sua luta pela liberdade de expressão (Hausen, 2005). No ano seguinte, a célebre frase de John Lennon, "O sonho acabou", aponta não só o fim de sua banda, os Beatles, mas o fim de uma era repleta de ideais revolucionários. No Brasil, assim como na maior parte da América Latina, os anos 70 foram marcados pela vigência da ditadura militar, da repressão não só social e sexual, como política, indicando o fim de um tempo em que as práticas subversivas estavam a serviço da produção de novas visões de mundo e da promoção de mudanças na vida das pessoas.

Diante dos diferentes sentidos atribuídos às drogas ao longo da história, indaga-se sobre o momento em que o consumo de tóxicos deixou de ter diversos significados para propagar-se, conforme o que Birman (1999) propõe, como um mal devastador na sociedade contemporânea? Na mesma direção, Terron (2005) afirma que os entorpecentes, na atualidade, perderam o caráter romântico e malandro de outras épocas, esparramando-se como um mal social que chega a rivalizar com o Estado. A modalidade de uso de drogas que se observa atualmente e que é o escopo desta escrita, a toxicomania, é uma transgressão destrutiva que congela a capacidade de criação do sujeito, uma vez que o objeto droga ocupa um lugar totalizante em sua vida.

Essa forma de consumo não encontra referência em nenhum ideal simbólico e consolida-se como uma prática de exclusão ao invés de proporcionar produções, sejam sociais, intelectuais, seja como uma tentativa de ocasionar bem-estar. Na contemporaneidade, assiste-se à intensa presença de um uso de drogas diferenciado do

que se visualizava em outras épocas, na medida em que este evidencia uma perda da dimensão simbólica a ele atribuída em outros intervalos temporais. Questiona-se sobre quais são os fatores que contribuem para essa dessimbolização da prática de consumo de entorpecentes, ou, poder-se-ia ampliar, das práticas de consumo em geral?

Para o filósofo Dufour (2005), o sujeito da *pós-modernidade* já não é mais o crítico teorizado por Kant, nem o neurótico sustentado pela psicanálise freudiana. Segundo o autor, estamos vive-se um período de transição em que se apresenta uma nova forma de sujeito, marcado pelo estilhaçamento em relação aos seus limites e contornos. As políticas neoliberais dominam os corpos - transformando-os em corpos produtivos- e têm se apropriado dos espíritos, tornando a subjetividade mais um produto a ser consumido, uma vez que há uma tendência social de dessimbolizar o mundo.

O valor simbólico é assim desmantelado, em proveito do simples e neutro valor monetário da mercadoria, de forma que nada mais, nenhuma outra consideração (moral, tradicional, transcendente, transcendental,...) possa entrar sua livre circulação. Os homens não devem mais entrar em acordo com os valores simbólicos transcendentais, simplesmente devem se dobrar ao jogo da circulação infinita e expandida da mercadoria. (Dufour, 2005, p. 13)

Nesse cenário, a aquisição de produtos dá sustentação à ilusão de completude. A falta, propulsora da capacidade desejante, já não é mais um vetor para a potencialidade pensante, mas surge como motor de novas práticas consumistas que presentificam um intenso investimento na tentativa de recobri-la, ou seja, na busca da inalcançável plenitude. Conforme Ribeiro (2009), as drogas surgiram nesse contexto como mais um objeto suscetível de obturar a angústia proveniente do encontro com a castração.

Esse novo paradigma subjetivo, o da recusa à castração, é muito discutido pelo psicanalista francês Charles Melman (2003). Na tentativa de pensar as especificidades

contemporâneas e suas repercussões, o autor constata que a subjetividade não mais se alicerça predominantemente no mecanismo do recalçamento, mas em uma nova grande filosofia moral, dominante em nossos tempos, que defende a necessidade de cada ser humano encontrar uma forma imediata de satisfação plena de suas vontades, mesmo que elas acarretem, inclusive, mudanças nas legislações vigentes.

No entanto, essa suposta liberdade, vivida muitas vezes como oposição a uma era passada, – século XIX e início do século XX –, tempo das práticas repressivas e da cultura do recalque (Freud, 1908/1969), nem sempre produz sujeitos autônomos. O sujeito pós-moderno possui livre acesso ao ter devido ao estímulo às práticas consumistas. Todavia, encontra-se, em muitas situações, impossibilitado de pensar, em função das falhas simbólicas decorrentes dessas novas formações subjetivas. É evidente que, como lembra Dufour (2005), constatar que o sujeito pós-moderno não mais se constitui sobre os referenciais kantiano e freudiano não significa afirmar que o sujeito neurótico deixou de existir. Uma das complexidades de nossos tempos é trabalhar com a coexistência de áreas modernas, pré-modernas e pós-modernas, todas tangenciando os fenômenos humanos. Nesse sentido, é importante observar-se que o sujeito moderno deixou de ocupar uma posição dominante em termos de frequência, uma vez que, o que se encontra hoje, ao lado das neuroses, mas como ênfase no campo do sofrimento humano, são as passagens ao ato: as anorexias, as bulimias, os atos delinquentes e as toxicomanias, dentre outras formações que trazem em seu bojo questões referentes às falhas simbólicas.

Para uma sociedade de consumo na qual o valor considerado é monetário e não simbólico, é desinteressante a presença de sujeitos críticos, com potencial pensante. Diante dessa nova filosofia moral de satisfação plena, já não servem os sujeitos neuróticos, culpabilizados e impedidos de viver compulsivamente o prazer. Nessa linha

de raciocínio, conforme Dufour (2005), surgem sujeitos psicotizantes, no sentido de serem sujeitos abertos a todas as flutuações identitárias. Para o autor, “o cerne do sujeito, progressivamente, dá lugar ao vazio do sujeito, um vazio aberto a todos os ventos” (p.22). Essa nova proposição subjetiva está diretamente relacionada ao apogeu do plano capitalista, que oferta a permeabilidade das fronteiras e a globalização, promulgando mudanças, inclusive, no capital subjetivo.

Seria, então, uma sociedade que apresenta uma carência de referências subjetivas, ou que, ao contrário, como propõe Lebrun (2010), oferece um excesso de identificadores? Para o psicanalista francês, esse acúmulo de referências pode ser um complicador, tendo em vista que a sociedade democrática se funda na saída de qualquer transcendência, ou seja, de qualquer ponto fixo. As sociedades autônomas não mais se referenciam em pontos exogâmicos como antigamente, sobretudo quando a Igreja e o Estado operavam uma função patriarcal.

Logo, essa função, para o autor, entra em declínio no momento em que a evolução da democracia, dos progressos das tecnociências e do desenvolvimento do neoliberalismo econômico descentra o sujeito de suas referências anteriores. Um claro exemplo seria a ciência, que, a partir de seus avanços e questionamentos, coloca a religião em segundo plano, demonstrando que aquilo que em outros tempos era uma exclusividade do poder divino hoje é passível de ser realizado pelo homem.

Tantas possibilidades coexistentes e com igual poder de sedução sobre os sujeitos fazem com que surja o interrogante sobre o que, no campo social, legitima que uma referência se sobressaia diante das outras? A atribuição ao divino ou ao transcendente transformava premissas em verdades inquestionáveis, ou seja, em códigos fixos, compartilhados e legitimados. O declínio das referências morais, tradicionais e transcendentais criou um novo questionamento social: o que legitima, então,

determinado discurso como referência em detrimento dos outros? Conforme Lebrun (2010), o que autentica uma premissa, tornando-a uma norma comum, seria a sua potencialidade de reter um reconhecimento unânime, o que é quase impossível em sociedades democráticas. Assim, a autoridade fica em posição difícil no cenário contemporâneo.

O objetivo de problematizar as questões referentes ao social produz, ao invés de um discurso saudosista e romântico em relação ao passado, um questionamento sobre a atualidade e suas repercussões nas formações subjetivas. Dessa maneira, pensa-se que os movimentos ocorridos nas sociedades formam uma linha sociohistórica que liga os acontecimentos passados à sua convergência com as proposições futuras. Ao se levantarem as implicações na subjetividade da democracia vivida em seu apogeu, não se desconsideram as repercussões dos governos totalitários na causa subjetiva.

Parte-se do mito freudiano descrito em “Totem e Tabu” (Freud, 1913[1912-13]/1969), em que o pai da horda, detentor de todas as mulheres da aldeia, era alvo da hostilidade de todos os filhos homens que desejavam para si aquilo que a ele pertencia. Nessa fábula criada por Freud, os filhos, revoltados com a posição de assujeitamento, despojam o pai totêmico de seu trono e o assassinam. Com isso, instauram uma era de caos, tendo em vista que o pai morto passa a ter um valor simbólico mais pungente do que durante sua ditadura. A aldeia depara-se com uma questão: frente ao pai morto, quem ocuparia o seu lugar? As desavenças e o receio de se tornarem alvo de hostilidade trouxeram dificuldades a esse processo sucessório. A partir daí, os interditos frente à sexualidade emergem como representantes da lei: não matar o pai e não ter acesso a tudo que ele tem ou a fazer tudo o que ele faz (Freud, 1923/1969). O pai morto possibilita a criação de um tabu que encena a supremacia do simbólico em relação ao ato.

No entanto, uma experiência real e atual de um governo ditatorial indica outro desfecho. O nazismo na Alemanha e a imensa massa de representantes do povo judaico morta sem precedentes e sem possibilidade de reação é a prova de que Deus não está morto e não é um símbolo de proteção para a humanidade, como propõe a ilusão criada pelas religiões (Freud, 1927/1969). Constata-se, a partir dessa dura realidade da guerra, que Deus-pai não está morto e nem segue protegendo seus filhos pela sua dimensão simbólica. Conforme Lebrun (2010) fica claro, a partir desta experiência, que ele não existe e, por isso, não resguarda a humanidade da violência. A dimensão simbólica não contém mais a destrutividade inerente à condição humana.

Essas constatações relativas ao plano econômico capitalista e aos desdobramentos da história da humanidade nos últimos séculos revelam mudanças no capital subjetivo. A possibilidade ilusória de cristalização numa posição de plenitude, fomentada pela economia capitalista, pelo declínio da Igreja, pela corrupção na União, pelo crescente poder da mídia, mostra uma nova posição subjetiva, de crescente assujeitamento, passividade e submissão. Nesse cenário, encontram-se as toxicomanias.

Quem tem tudo não tem nada: referências e pontos de ancoragem do Eu nas toxicomanias

Os seres humanos, em alguma medida, estão submetidos ao campo do desejo, ou seja, vivem na tentativa, sempre ineficaz, de obturar o espaço da falta. A busca por resgatar a completude, vivida ilusoriamente e perdida, impele o sujeito a práticas que recubram o lugar da falta, que remontem esse espaço temporal primevo, em que, no campo relacional, o fusionamento ao outro evidenciava uma posição de completude imaginada.

As toxicomanias podem ser compreendidas como o apogeu dessa tentativa, se se pensar na proposição formulada por Sissa (1999), que a define como

uma prática que faz funcionar realmente o poder de um desejo que se tornou insaciável e cada vez mais devorador, até um ponto em que a satisfação nunca definitiva – chave de um prazer plural, móvel e renovável – se transforma, nesse caso, em tolerância e dependência: fixação sobre produtos dos quais não se pode mais prescindir, para não sofrer muito. (p. 8)

Trabalhar as toxicomanias a partir dessa perspectiva é dar lugar de destaque à posição subjetiva da qual decorre determinada modalidade de consumo e seu inevitável intrincamento com as causas sociais, sobretudo aquela que coloca em evidência a aquisição e o consumo de produtos como tentativa de saciar o desejo. Porém, essa conduta, levada ao grau máximo, mata o desejo ao obturar o lugar da falta, operando uma transformação: o sujeito deixa de ocupar uma posição de autonomia e desejo para tornar-se submisso e dependente do objeto.

Compreende-se o consumo abusivo de entorpecentes como uma questão psíquica implicada com o social. Entretanto, para ter-se liberdade de abordar a causa social e o plano econômico capitalista como fatores que tangenciam o processo de construção do Eu, há que se retomar a proposição freudiana (1905/1969) a respeito da origem sobreterminada dos sintomas. Esclarece-se, então, que a esfera coletiva oferece uma importante contribuição para a formação subjetiva, mas sabe-se também que essa não é a única causalidade da formação psíquica.

O processo identificatório e constitutivo do Eu perpassa as questões sociais, pois o outro semelhante é fruto da cultura, assim como a realidade externa invade o sujeito através de seus estímulos. Diante das repercussões da causa social nas questões relativas à constituição do Eu e de seu processo identificatório, cabe a dúvida: qual o sofrimento

(intensidade) que se expressa através do uso compulsivo de drogas? A toxicomania parece ser uma patologia que encena a compulsão social de consumo, evidenciando sujeitos que padecem diante da solidão na busca de ideais e identificações que atribuam sentido à sua existência, como aponta Pacheco Filho (2010), “passando a ter que procurá-los nos limites estreitos da posse e usufruto de bens de consumo” (p. 1).

Não se pretende, nesta problematização sobre o Eu nas toxicomanias, desconsiderar a singularidade presente em qualquer modalidade de relação do sujeito com os objetos, ou seja, a particularidade do universo fantasmático de cada pessoa. Ao invés de se propor uma padronização dos sujeitos toxicômanos, optou-se por uma reflexão acerca de uma posição subjetiva encenada por uma forma específica de relação objetual: a de aderência a um objeto que oferece um atalho ao trajeto pulsional, obturando a realidade da ausência do objeto e, conseqüentemente, as novas possibilidades de trâmite psíquico que extrapolam o âmbito da ação motora e implicam o reconhecimento da falta como mote para a alucinação, a fantasia ou o pensamento.

O próprio termo utilizado para definir a prática de consumo compulsivo, a-dicto, se debilhado, remete à idéia de *sem linguagem*, expressão que faz referência aos primórdios do sujeito psíquico, a um tempo em que a descarga pulsional prescindia do pensamento. Propõe-se que a montagem toxicômana faz referência ao reduto do Eu-ideal como uma posição subjetiva que aponta a presença constante do objeto não discriminado do Eu, mas incorporado a ele devido à essa não diferenciação. Nessa posição de completude, tem-se um Eu submetido ao corpo e ao desejo do outro e uma modalidade de obtenção de prazer que não passa pelo reconhecimento do outro, pois é autoerótica.

Contudo, pensar em um sujeito que faz um uso maciço de entorpecentes é trabalhar com a hipótese de um Eu entregue a Tanatos pela via da destrutividade. A

partir dessa constatação, cabe o questionamento acerca da qualidade dos encontros inaugurais, por serem eles a matriz das vias colaterais de descarga pulsional, as quais albergam a possibilidade de metabolização das intensidades que ingressam no aparato psíquico.

O uso de entorpecentes é a livre tentativa de destruição do Eu, a remontagem de uma forma primitiva de descarga que desconsidera a realidade, ou a tentativa de inscrição de uma identidade em sujeitos marcados pelo desamparo e pela indiferença? Provavelmente, essas assertivas não são excludentes, e a relação do toxicômano com a droga está relacionada tanto com a tentativa de obturação da falta quanto com a busca desesperada de construção de um si mesmo, mas tendo no horizonte a morte.

A sociedade contemporânea capitalista e as práticas que colocam ênfase no consumo e no valor monetário podem ser percebidas como condições de uma posição de alienação e assujeitamento, pois demonstram a adesividade aos objetos como única via possível de acesso ao ser. Essas práticas fazem com que se descortinem modalidades subjetivas que se encontram à procura de identificações, mas que recorrem, para isso, à via da posse e do consumo de bens materiais.

Toda sociedade ocidental capitalista vivencia a égide do exercício de consumo como possibilidade de inscrição identitária, ou seja, o consumo de objetos como tentativa de construção do ser perpassa a constituição subjetiva dos sujeitos inseridos nesse contexto socioeconômico. O que faz com que alguns acoplem seu desejo a um único objeto que tampona a falta, ao mesmo tempo em que escraviza física e psiquicamente, transformando-se em uma necessidade?

O papel da realidade material, trabalhada na teoria freudiana como os estímulos de origem exógena que invadem o psiquismo incipiente e demandam esforço para serem descarregados, pode servir de indicativo para se pensar essa questão. Embora o trauma

seja um fator constitutivo do psiquismo, existem variações nas vivências do campo relacional que operam diferenças no *quantum* dessas excitações e na construção das possibilidades de descarga das intensidades. O Eu é formado a partir de precipitados das experiências de satisfação e de dor que deixam atrás de si rastros mnêmicos que se reeditam na vida dos sujeitos, tendo em vista que a história, para a Psicanálise, é a história pulsional, logo, esses registros seguem pulsantes e são determinantes nos destinos do sujeito psíquico.

Conjectura-se, então, que o desfecho toxicômano conta sobre intensos prejuízos de Eros como qualidade no encontro com o outro semelhante. Assim, trabalha-se com a hipótese de profundas invasões de intensidades oriundas do exterior que inundam um psiquismo precário de recursos para metabolizá-las. Tal desfecho evidencia o predomínio das experiências de dor, consequentes tanto das magnitudes de estímulos provindos da realidade material quanto da ausência ou inoperância do outro semelhante no desempenho das funções de cuidado como sustentação do campo do desejo criado por essa prática.

Depara-se com psiquismos que buscam a égide do princípio do prazer e que procuram, desesperadamente, a abolição do registro da realidade, na tentativa de mitigarem a dor oriunda dessas invasões precoces e, possivelmente, recorrentes nas experiências com o outro. O potencial subjetivo sofre prejuízos e fixa-se numa posição de submissão ao outro como única chance de sobrevivência psíquica. O objeto-droga, assim, representa tanto a busca da felicidade e do prazer, como parece ser a única via conhecida por esses sujeitos de evitação do desprazer e do desespero oriundos do desamparo.

Dada a complexidade da constituição do Eu, pensa-se a experiência do uso de drogas desde as relações duais narcísicas, que fundam a dialética do ser, assim como

não se deixa de considerar a possibilidade de acesso ao tóxico como uma tentativa desses sujeitos de, percorrendo a lógica do consumo, encontrarem insígnias fálicas culturalmente compartilhadas (Filho, 2010), que lhes permitam ingressar na dialética do ter. Entende-se a segunda dialética como aquela que contempla a noção de Ideal-do-Eu enquanto um projeto de devir para o sujeito ao se identificar com objetos que culturalmente representam códigos compartilhados.

Nesse sentido, considera-se o uso de drogas, no contexto das sociedades ocidentais capitalistas, como uma possibilidade de acesso a objetos que podem permitir ao sujeito o ingresso no campo da potência e do prazer. Porém, avalia-se a toxicomania como uma especificidade do uso de drogas que comporta a aderência a um único objeto que oferece um referencial identificatório – sou um toxicômano –, ao mesmo tempo em que oferta a morte psíquica e, em algumas situações, a física. Nessa dinâmica, percebe-se a pungência de uma problemática que se alicerça na (im)possibilidade de ser.

Referências

- Acselrad, G. (2011). *Entrevista professora Gilberta Acselrad - Globo News.mp4*. Acesso em 10 de setembro de 2011, disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=K6kRpsoc8&feature=share>.
- Birman, J. (1999). *O mal-estar na atualidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Birman, J. (2009). *As pulsões e seus destinos: do corporal ao psíquico*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas. (2001). *I Levantamento domiciliar sobre o uso de drogas psicotrópicas no Brasil*. São Paulo: UNIFESP
- Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas. (2005). *II Levantamento domiciliar sobre o uso de drogas psicotrópicas no Brasil*. São Paulo: UNIFESP
- Derrida, J. (1991). *A farmácia de Platão*. São Paulo: Iluminuras.
- Duarte, D. F. (2005). Uma Breve História do Ópio e dos Opióides. *Revista Brasileira de Anestesiologia*, 55(1), 135-146. Acesso em 20 de setembro de 2011, disponível em <http://www.scielo.br/pdf/rba/v55n1/v55n1a15.pdf>.
- Dufour, D. R. (2005). *A arte de reduzir as cabeças: sobre a nova servidão na sociedade ultraliberal*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- Filho, R. A. P. (2010). *Drogas: um mal-estar na cultura contemporânea*. Acesso em 10 de março de 2010, disponível em <http://www.psicologia.org.br/internacional/pscl6.htm>.
- Freud, S. (1895/1969). Projeto para uma psicologia científica. In J. Strachey (Ed. e Trad.), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 1, pp.381-533). Rio de Janeiro: Imago.

- Freud, S. (1900/1969). A Interpretação dos In J. Strachey (Ed. e Trad.), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 1, pp.569-585). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1905/1969) Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In J. Strachey (Ed. e Trad.), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 7, pp. 129-256). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1908/1969). Moral sexual civilizante e nervosismo moderno. In J. Strachey (Ed. e Trad.), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 9, pp.185-210) Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1913 [1912-13]/1969). Totem e tabu. In J. Strachey (Ed. e Trad.), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 13, pp.13-193). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1914/1969). Sobre o Narcisismo: uma introdução. In J. Strachey (Ed. e Trad.), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 14, pp.85-122). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1915/1969) O Instinto e suas Vicissitudes. In J. Strachey (Ed. e Trad.), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 14, pp.137-168). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1920) Além do princípio do Prazer. In J. Strachey (Ed. e Trad.), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 18, pp.17-90). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1923/1969). O Ego e o Id. In J. Strachey (Ed. e Trad.), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 19, pp.13-86). Rio de Janeiro: Imago.

- Freud, S. (1925/1969). A Negativa. In J. Strachey (Ed. e Trad.), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol.19, pp.293-295). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1927/1969). O Futuro de uma Ilusão. In J. Strachey (Ed. e Trad.), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 21, pp.13-74). Rio de Janeiro: Imago.
- Hausen, D. C. (2005) *Castração: um conceito revisitado*. Tese Doutorado, Programa de Pós Graduação em Psicologia, Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
- Lebrun, J. P. (2010). *O mal-estar na subjetivação*. Porto Alegre: CMC Editora.
- Martins, A. G. L. (2011). *A história internacional da droga*. Acesso em 22 de setembro de 2011, disponível em <http://www.encod.de/info/HISTORIA-INTERNACIONAL-DA-DROGA.html>.
- Melman, C. (2003) *O homem sem gravidade*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- Ribeiro, C. T. (2008) *Que lugar para as drogas no sujeito? Que lugar no sujeito para as drogas? Uma leitura psicanalítica do fenômeno do uso de drogas na contemporaneidade*. Dissertação de Mestrado em Psicologia Social, Programa de Pós Graduação em Psicologia, Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Acesso em 22 de setembro de 2011, disponível em http://www.sapientia.pucsp.br/tde_arquivos/25/TDE-2008-04-10T05:35:18Z-5178/Publico/Cynara%20Teixeira%20Ribeiro.pdf.
- Ribeiro, C. T. (2009) *Que lugar para as drogas no sujeito? Que lugar no sujeito para as drogas? Uma leitura psicanalítica do fenômeno do uso de drogas na contemporaneidade*. *Ágora*, 12(2), 333-346. Acesso em 14 de abril de 2010, disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-

14982009000200012.

Sissa, G. (1999) *O prazer e o mal: a filosofia da droga*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Terron, J. (2005). A ressaca infinita. In C. Baudelaire (Org.), *Paraísos Artificiais* (pp.7-10). Rio de Janeiro: Ediouro.

SEÇÃO EMPÍRICA
A SUBJETIVIDADE E A TOXICOMANIA:
POR UMA (IM)POSSIBILIDADE DE SER

Introdução

A problematização concernente à subjetividade do consumidor de drogas emerge como uma necessidade premente, quando se pensa essa questão sob a perspectiva da Psicanálise. Sustenta-se a ideia de trabalhar, nesta seção empírica, o fenômeno do uso de drogas além da compreensão de uma prática comportamental, mas na perspectiva das subjetividades que encontram no seu consumo exacerbado uma modalidade de existência pautada por uma posição subjetiva de alienação e dependência. Conforme Birman (2006), essa posição se apresenta como preponderante na esfera humana atualmente. Para o autor, a ausência de um legislador absoluto que regule o gozo dos sujeitos, conforme o cenário que se assiste atualmente na sociedade, promove que o masoquismo se delineie como uma posição subjetiva dominante. Essa afirmativa se embasa na constatação de que há uma busca frenética, por parte dos sujeitos, da abolição de uma condição de desamparo que produz condutas servis frente àqueles que se dispõem a regular o gozo. Ter-se-ia aí terreno propício para as ditaduras e, talvez, a possibilidade de se problematizar a toxicomania como a ditadura da química sobre a historicidade que viabiliza o desejo.

O conceito de toxicomania, embora estudado por diversas disciplinas, quando trabalhado por autores da Psicanálise (Le Poulichet, 2005; Ribeiro, 2009; Torossian, 2003), versa sobre a posição subjetiva do sujeito em sua particular forma de se relacionar com os objetos. A partir dessa linha de raciocínio, pode-se depreender que nem toda modalidade de uso de drogas pode ser caracterizada como uma toxicomania. Ribeiro (2009) salienta existirem duas grandes modalidades de consumo de drogas, em uma referência ao ato de usar drogas e à prática toxicômana. A primeira é sustentada pela operação do discurso capitalista hegemônico e a segunda opera em um campo de marginalidade e rompimento social. Assim, o consumo de drogas pode fazer referência

tanto à lógica de produção do si mesmo quanto a uma tentativa de obturação máxima da falta, ligando-se a uma esfera mortífera.

Na primeira modalidade, ocorre a aderência a produtos que são interpretados pelo sujeito como capazes de criar o laço social e inseri-lo na lógica da potência e do mercado, fazendo com que, pela via da aquisição de objetos, dentre eles a droga, o Eu obtenha uma possibilidade de sustentação. A segunda operação de consumo, denominada toxicomania, encontra nessa nomenclatura uma referência ao desejo de envenenar-se, logo, a uma montagem sintomática que evidencia o predomínio de Tanatos e o flerte com a morte, na tentativa de aplacar as intensidades oriundas de sucessivas e recorrentes experiências precoces de dor.

A psicanalista francesa Sylvie Le Poulichet (2005) também propõe uma diferenciação entre as formas de uso de drogas. Aborda a temática desde a perspectiva da *operação farmakon* e, a partir desse referencial, propõe que a interpretação semântica desta expressão contempla uma duplicidade de sentidos, podendo operar tanto como remédio quanto como veneno. Para fazer essa diferenciação sem corresponder a categorias nosográficas, ela cria duas nomenclaturas para referir-se ao uso de drogas, afirmando que este pode ser um uso de suplência ou de suplemento.

Embora entenda essas duas posições como móveis e não estanques, a autora pontua como diferença fundamental entre elas o lugar que o tóxico ocupa. Na lógica do consumo como suplemento, a queixa do sujeito relacionada ao uso está associada a outras questões de sua vida, logo, inserida em uma cadeia metafórica. Já no consumo de suplência, o sujeito encontra-se excluído dessa cadeia, e o ato de consumir é descrito pela autora como uma paradoxal autoconservação, na medida em que, enquanto a droga opera como sustentáculo narcísico para o sujeito consumidor, sua subjetividade tende a desaparecer diante do objeto-droga, que passa a ocupar um lugar totalizante.

Assim, partindo-se da delimitação do conceito de toxicomania, questionam-se as vicissitudes subjetivas que contribuem para que alguns sujeitos conduzam suas vidas no caminho de uma montagem toxicômana. Desse modo, define-se o objetivo desta seção empírica como a busca da compreensão aprofundada das implicações das histórias afetivas e relacionais de sujeitos toxicômanos na origem de sua patologia, priorizando os aspectos concernentes às suas dinâmicas psíquicas. Para isso, a partir do relato de dois sujeitos toxicômanos, investigam-se suas passagens pelo trajeto identificatório, suas modalidades de relação objetal para, finalmente, se trabalhar com alguns aportes que busquem desvelar um caminho possível para o tratamento das toxicomanias.

Método

O método que norteia uma pesquisa pode ser descrito como um conjunto de regras que permitem ao investigador captar questões constituintes do mundo em um determinado contexto (Turato, 2003). Portanto, ele é construído por passos sistematizados que auxiliam a alcançar os objetivos da pesquisa, possibilitando a melhor compreensão possível sobre o fenômeno.

Nesta pesquisa, que utiliza a abordagem qualitativa e tem como teoria que norteia a compreensão do fenômeno a Psicanálise, conta-se com as contribuições de Nunes (2004), ao pontuar que essa abordagem propicia o entendimento de novos significados sobre as questões em estudo. Contudo, essa opção metodológica não desconsidera a possibilidade de se revisitarem conhecimentos que não podem ser tomados como prontos. Tais postulações contribuem para o objetivo principal deste estudo, no qual foram trabalhados dados referentes à temática das toxicomanias a partir de entrevistas abertas com os participantes e contando com as contribuições da

Psicanálise – uma teoria centenária e reconhecida no estudo da subjetividade humana – para a problematização do fenômeno.

A proposta desta pesquisa, que partiu da constatação social da epidemia das toxicomanias nos dias de hoje (Ministério da Saúde, 2010), é auxiliar na compreensão dessa inquietante realidade. O acesso aos participantes deu-se junto ao Ambulatório da Cruz Vermelha de Porto Alegre, instituição destinada ao atendimento de sujeitos que fazem uso problemático de entorpecentes. Num período inicial, foi apresentado o Projeto de Pesquisa à sua coordenação. Após sua aprovação, o projeto foi enviado e igualmente aprovado pela Comissão Científica da Faculdade de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (FAPSI -PUCRS) e pelo Comitê de Ética em Pesquisa da PUCRS. Depois dessas aprovações, iniciaram-se os procedimentos previstos no estudo, que contaram com a participação de dois sujeitos, um do sexo masculino, com idade de 31 anos, e outro do sexo feminino, com idade de 21 anos, que utilizavam os serviços da Cruz Vermelha para o tratamento de suas toxicomanias.

Para realizar a coleta de dados, foi feita uma série de três entrevistas de questões abertas com os participantes e uma entrevista com um familiar. Além disso, foram utilizados os dados provenientes de uma ficha sociodemográfica elaborada pelo grupo de pesquisa Fundamentos e Intervenções em Psicanálise (Anexo II). Os participantes passaram a fazer parte deste estudo somente após a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Anexo I).

Cada série de entrevistas, junto com a ficha de dados sociodemográficos, compôs o Estudo de Caso de cada participante. Para organizar-se a série de quatro entrevistas, consideraram-se as contribuições de Schuman (1982) e Seidman (1991).

A sequência das entrevistas seguiu o seguinte roteiro: na primeira, o objetivo central foi conhecer a história de vida do participante; na segunda, foram identificados

os fatores relacionados ao uso que o participante fazia de substâncias psicoativas e as suas experiências em relação ao consumo propriamente dito; na terceira, foram exploradas as expectativas e os significados atribuídos pelos participantes ao tratamento; e, finalmente, na quarta entrevista, realizada com os familiares/cuidadores, buscou-se acessar os dados da história do participante que pudessem estar associados ao abuso de drogas.

No decorrer dos encontros, dedicou-se cuidado ao estado emocional no qual eles se encontravam, sendo avaliadas possíveis situações de risco a eles próprios e aos que os cercam. Assim, durante o trabalho, foi considerada a necessidade de abrir espaços de orientação para o próprio participante e/ou para seus familiares, seguindo a ideia de Figueredo e Minerbo (2006), quando propõem que a atividade de uma pesquisa sustentada no referencial psicanalítico pode ser um momento na história tanto do entrevistado quanto do pesquisador. Essa concepção parte da possibilidade de, nas entrevistas, instaurar-se nessa relação a escuta e a interpretação. Nesse sentido, os envolvidos não saem incólumes dessa atividade.

As entrevistas foram agendadas com uma frequência semanal, tiveram duração média de 45 minutos e foram realizadas nas dependências da Cruz Vermelha de Porto Alegre.

Para analisar os dados obtidos nesse estudo, utilizou-se o método proposto por Erickson (1997) denominado Análise Interpretativa. Nessa proposta, a tarefa do pesquisador é descobrir os diferentes estratos de universalidade e particularidades presentes no caso específico estudado, ou seja, discriminar quais aspectos são amplamente universais e podem generalizar-se a outras situações similares e quais são exclusivos do caso em questão. Segundo o autor, isso somente pode ser realizado levando-se em conta os detalhes do caso concreto que se estuda. O principal interesse

do pesquisador que usa o método interpretativo é a generalização lógica e não a estatística, buscando fatores universais concretos através do estudo de casos específicos de forma detalhada (Erickson, 1997).

De posse dos dados, efetuou-se um exame sistemático de seu *corpus*, procurando criar assertivas que contemplassem genericamente a temática do estudo. Segundo Kude (1995), a elaboração de asserções referentes à significância de um evento só pode acontecer por meio da apresentação de situações análogas, ou seja, ligando os elementos-chave a outros iguais a ele ou diferentes dele, interligando o relato das situações sob a forma de vinhetas provenientes do discurso dos participantes. Logo, a sustentação dessas asserções ocorre através do trabalho profundo e detalhado das particularidades de cada caso estudado.

Assim, como o material das entrevistas dos participantes, trabalhou-se no sentido de perceber evidências nos discursos dos entrevistados que ilustrassem elementos presentes em ambos os casos, ou seja, que fossem generalizáveis. Através dessa construção, criaram-se assertivas relativas à temática estudada. Estas são sustentadas por vinhetas que ilustram os argumentos contidos na fala dos entrevistados e por proposições teóricas embasadas na teoria psicanalítica. Dessa forma, é possível acompanhar a construção realizada pelo pesquisador, percebendo a maneira como se elaboraram as assertivas, como se elegeu as passagens consideradas relevantes e como se atribuiu sentido a elas. Seguiu-se a essa etapa a busca por evidências que confirmassem ou negassem as asserções e, caso necessário, sua reformulação.

Desse modo, foi possível, através da análise aprofundada dos discursos e das vinhetas fundamentais que emergiram deles, explorar os significados contidos na fala dos entrevistados, priorizando as diversas camadas de significado (Erickson, 1997). Nesse sentido, contando com a teoria psicanalítica como fonte de sustentação para a

análise dos dados provenientes deste estudo, destaca-se a possibilidade de escuta dos sentidos ocultos que se presentificaram na fala dos sujeitos.

Através do comentário interpretativo construído sobre cada assertiva proposta, unindo a teoria às vinhetas eleitas, é possível perceber-se, na alternância entre a especificidade de uma passagem discursiva do entrevistado e a generalidade do comentário interpretativo, o trabalho do pesquisador. A construção desse comentário permite ao leitor acompanhar o pesquisador no processo de apreender quais os detalhes, dentre os vários sentidos semânticos das falas dos participantes, que este considerou proeminentes e as interpretações que lhes atribuiu.

Desse modo, considera-se o proposto por Turato (2003), quando pondera que uma atitude psicanalítica na pesquisa faz com o pesquisador incorpore ao seu trabalho conceitos como transferência e contratransferência, marcando a importância da interação afetiva que se estabelece entre entrevistador-entrevistado. Além de contar com a teoria psicanalítica como uma possibilidade de interpretação do material trazido, essa abordagem metodológica viabilizou a valorização do conceito de Inconsciente (Freud, 1915a/1969) e sua manifestação através do discurso de cada participante.

Sobre as toxicomanias: resultados e discussões

A prática de escuta do padecimento humano e a possibilidade de produzir reflexões sobre esta convoca a aceitar-se o conselho freudiano de “olhar as mesmas coisas repetidas vezes, até que elas comecem a falar por si mesmas” (Freud, 1914a/1969, p. 33). Essa escrita acerca do sofrimento humano foi sendo tecida a partir da escuta do material oriundo das entrevistas realizadas. Da investigação desse material, emergiram quatro assertivas que abordam pontos centrais da temática das toxicomanias, permitindo uma compreensão aprofundada do trajeto identificatório nessa realidade

clínica, assim como o trilhamento de indicadores para se pensarem as intervenções viáveis nesse cenário. Assim, as histórias de Bruno e Giovanna auxiliam na construção desses postulados teóricos.

Primeira Assertiva: O Toxicômano experimenta, em um momento precoce, uma vivência traumática que não é passível de ser metabolizada psicologicamente.

Ao conhecer Bruno, chama atenção seu corpo robusto e sua forma simpática e desinibida de interagir. Prestativo, está muito contente de poder participar da pesquisa, pois quer ajudar seu filho, com quatro anos de idade, a não usar drogas. Conta que esta é a sua maior motivação. Como resposta ao pedido de que fale sobre sua história, inicia relatando uma experiência precoce de abandono e indiferença.

“Eu sou filho adotado, sempre tive tudo do bom e do melhor. Descobri que era adotado com oito anos através de um tio bêbado que me contou, né? [...] Não fiquei chateado, essa é a resposta. Eu ficava chateado com as brincadeiras dos meus primos. Sempre fui maior e eu ‘amoletava’ eles a pau. É que eu não sou da família deles, né? Eles são todos pequeninhos, e daí eles vinham brincar ‘ah, te acharam na lata do lixo’!”

Conta que sua mãe biológica o deixou na maternidade, não tinha interesse em levá-lo com ela. A mãe adotiva, Branca, desejava muito ter filhos, mas encontrava-se impossibilitada, segundo os médicos. Através de um irmão com influências políticas, ela conseguiu adotar Bruno sem que esse processo tramitasse judicialmente. Contudo, mais acentuado do que a burla em relação à lei, nesse momento, surge o fato de ele não ter sido informado por Branca dessa realidade. Embora contando com evidentes indícios da impossibilidade de ser filho biológico dela, só obteve oficialmente essa informação

aos oito anos, através de um tio bêbado, época em que a mãe adotiva conseguira dar à luz a sua primeira irmã.

Entende-se que é através da fala dos primos que a expressão de seu desamparo pode ganhar voz: “*Te acharam na lata do lixo*”. Essa formação discursiva dá conta de relatar a intensidade dessa vivência inicial e a forte marca do abandono impressa em seu devir pela via do ato que opera a realidade do não desejo. Ele narra como, através do pólo motor, buscava descarregar essa intensidade insuportável “*amoletando a pau*” os primos.

Sua formulação acerca de a possibilidade desta notícia tê-lo afetado é iniciada por uma expressão negativa: “*Não fiquei chateado, essa é a resposta*”. Sabe-se, desde Freud (1925/1969), que esse tipo de expressão revela uma particular forma de lidar com a intensidade psíquica, ou seja, o *não* dá conta de encobrir aquilo que verdadeiramente assombra o sujeito. Bruno enfatiza, em todas as suas falas, a sensação de ser fundido, misturado com sua família, mas pauta seu devir em uma intensidade desgovernada, não metabolizada, que o acomete e segue, encontrando no ato (vender droga, usar droga, brigar na rua) fonte de alívio e descarga. Entende-se que a violência dessa realidade material que inunda seu psiquismo sem poder ser descarregada é reeditada nas cenas de violência que narra em sua relação consigo mesmo e com os outros.

Nessa direção, conta-se com as contribuições de Gurfinkel (1996), ao afirmar ser uma marca das toxicomanias a vivência de uma experiência traumática que não é passível de ser elaborada. O autor trabalha com a hipótese de uma experiência originária de insatisfação em contraponto ao enunciado freudiano (Freud, 1895/1969) de uma vivência primária de satisfação.

Para Freud (1895/1969), o desamparo e as demandas biológicas do *infans* impulsionam seu encontro com o objeto que poderá satisfazer sua pulsão e,

concomitantemente, oferecer ao pequeno ser o protótipo de uma matriz desejante. A tarefa de supressão das demandas biológicas contempla a projeção do desejo do outro semelhante sobre sua cria, e, a partir desse encontro, registros mnêmicos de prazer vão sendo construídos e incessantemente buscados quando a falta do objeto se torna evidente.

Nas toxicomanias, de acordo com Gurfinkel (1996), o objeto primordial não cumpre sua função esperada, que é ser vetor de cuidado. Produz, assim, um estado de carência no *infans*, que fica desamparado e sem recursos psíquicos para lidar com o imperativo da pulsão. Esse (des)encontro com o objeto é descrito pelo autor nos seguintes termos:

um objeto ardentemente esperado por um psiquismo prematuramente colocado em um universo hostil e incompreensível, um objeto que é, ao mesmo tempo, o único a garantir a sobrevivência e o veículo, por sua ausência, da experiência do insuportável. (p. 210)

A compulsão encenada pelo toxicômano na busca de reencontrar-se com o objeto-droga é trabalhada por Gurfinkel (1996) na ideia de remontagem do horror irrepresentável e insuportável acionado pela ausência do objeto (inicialmente, o outro semelhante e, posteriormente, a droga). Devido à precariedade de um psiquismo incipiente e incapaz de desempenhar a tarefa de lidar com a intensidade de um trauma vivido precocemente, esse horror só pode ser descrito em termos quantitativos, ou seja, como a magnitude do desconforto proveniente de um *quantum* de excitação que invade o aparato e não encontra no outro semelhante uma possibilidade de escoamento. Assim, essa experiência traumática inicial é reativada a cada episódio de uso compulsivo de drogas, ou seja, o sujeito reedita, no presente, sua impossibilidade de abrir-se para novas

experiências. Isto porque ele não sabe falar do que precisa e nem do que sente, apenas é acometido de um desconforto totalizante que só se alivia no encontro com o objeto.

Um dos fatores que contribui para esta compulsão à repetição (Freud, 1920/1969) encenada nas toxicomanias pode ser essa posição inicial de indiferença ou hostilidade do objeto em relação ao *infans*. Essa compulsão opera como uma verdade radical para o sujeito toxicômano: a sustentação de um circuito compulsivo de aderência a um objeto na tentativa de metabolizar uma experiência traumática.

De acordo com Gurfinkel (1996), pode-se pensar em uma vivência infantil em que um contínuo fluxo de excitações insuportável se impõe ao aparelho psíquico incipiente inundando-o, na medida em que o outro semelhante não se oferece como possibilidade de drenagem desses *quantuns* de excitação. Segundo o autor, o encontro com o objeto primordial, nesses casos, constitui-se a partir de uma importante precariedade no jogo estruturante do Eu, a de ver-se fundido e gradativamente separado do objeto, pois esse outro endereça ao *infans*, ao invés de investimentos libidinais estruturantes, indiferença e hostilidade, recolocando o sujeito no caos turbulento das intensidades que, com muita dificuldade, são descarregadas.

Giovanna é uma jovem de 21 anos, magra e longilínea, arisca e pouco sorridente. Apresenta-se vestida com roupas de menino. Desconfiada na primeira entrevista, mostra-se calada e dá indícios de receio frente ao que seria solicitado a ela. Quando lhe é pedido que conte sua história de vida, assim como Bruno, inicia sua narração a partir de uma experiência de desamparo precoce, real e traumático.

“Conheci minha mãe aos 10 anos, mas ela deixou muito claro que não me amava, que não queria me cuidar, que não queria nem ter me ganhado. Pelo menos, é o que ela me fala, que, por minha culpa, que eu que estraguei a vida dela.”

Ela é a primeira filha de sua mãe, que, ainda adolescente, engravidou. Após ser abandonada pelo namorado, aos dois meses de gestação, sua mãe decidiu que não criaria a menina, entregando-a para a avó e partindo. Giovanna não sabe onde a mãe esteve nesse período, mas conta que ela retornou após 10 anos. Sua amargura em relação a essa situação precoce de abandono é evidente, e ela chega a se perguntar, em mais de uma ocasião, sobre o que seria preciso ela possuir para que a mãe pudesse ao menos ter desejado olhar para ela. Embora a avó e uma tia adotiva tenham se encarregado de seus cuidados, o enigma em relação a essa decisão da mãe de deixá-la fora do espectro do seu desejo a atormenta de forma a produzir condutas altamente destrutivas consigo mesma e com os demais. Dentre estas, destaca-se o uso de cocaína e crack, além de rompantes de agressividade e brigas que chegam a ter que ser contidas pela polícia.

Contudo, de forma distinta à posição de Bruno, Giovanna possui registros mnêmicos de seu sofrer e se permite falar de sua mágoa, de seu ressentimento e da dor subjacente à ausência deste olhar estruturante, olhar que permite ao sujeito criar uma primeira imagem de si.

“Algumas coisas eu lembro, de eu sofrendo por não ter a minha mãe perto, de não ter as pessoas perto de mim, essas coisas assim eu me lembro.

Minha mãe não me queria, ela não sabia nem como me pegar [...] ela diz que não tinha condições, mas ela poderia pelo menos ter me visto, né? E não ter retornado só depois de 10 anos.”

Suas queixas e comentários amargurados não encontram respaldo no outro primordial, tendo em vista que a mãe, mesmo após seu retorno, não investiu em Giovanna como filha. Embora tenham retomado o contato, a mãe sempre deixou clara sua interpretação dos fatos: que o nascimento de Giovanna foi um erro em sua vida,

que, por causa dessa filha, sua história não deu certo. Nessas afirmações, esclarece sua posição de não desejo em relação à filha, sendo indiferente a qualquer ação sua. Uma forma de ilustrar essa realidade é o fato de, em uma tentativa desesperada de encontrar lugar no olhar materno, Giovanna ter pedido à mãe, usuária de cocaína, para usarem a droga juntas. Assim, iniciou seu uso, aos 18 anos de idade.

Já Bruno não encontra nas palavras uma possibilidade de atribuir significados ao trauma precoce. Possivelmente, a conduta de Branca de camuflar a realidade da sua história de origem produziu-lhe uma impossibilidade de falar sobre o assunto. Para além de ser um segredo, o silêncio diante de uma realidade facilmente observável gerou-lhe uma incapacidade de aprendizagem, tendo estudado apenas até a sétima série. Sua origem, assim como a de Giovanna, tem referência em um trauma, uma intensidade que não pode ser nomeada, pensada e representada psiquicamente e que fica como uma energia desligada de representação (Freud, 1920/1969), que não encontra descarga pela via da palavra e só se alivia pela via do ato. Infere-se que Bruno, provavelmente, atrelava inconscientemente o amor de Branca à ocultação dessa história, sobretudo porque sua revelação desvendaria uma dificuldade da mãe adotiva: não poder ter filhos. Dessa forma, não apenas o fato de ser filho adotivo, como também as dinâmicas relacionais que se foram organizando em torno dessa realidade não facilitaram a ligação psíquica, a representação dessa intensidade, fazendo com que se mantivesse não metabolizada pelo trâmite psíquico e encontrasse, como única forma de descarga, o uso de drogas, que em seu caso, teve início aos 12 anos.

Para Giovanna, embora as palavras tentem dar vazão à dor da experiência precoce, elas não são suficientes, já que não contêm essa intensidade transbordante. Pode-se pensar, então, que as palavras usadas por ela não são dotadas de potencial simbólico, ou seja, usa as palavras como uma forma de descarga catártica, ou melhor,

sem contar com o pensamento, que pode ser entendido como um ato psíquico que transforma as palavras em fonte de alívio.

Entende-se que esse (des)encontro precoce, marcado pelas invasões de quantidades insuportáveis ao psiquismo, desvelam uma falha no campo simbólico, uma impossibilidade de encontrar na palavra e no pensamento uma via de descarga para esses *quantuns* de excitação. Encontra-se respaldo para a ideia no “Projeto Para uma Psicologia Científica” (Freud 1895/1969), texto em que é trabalhada a existência de intensidades psíquicas que, devido à sua magnitude ou à precariedade do aparato psíquico, acham alívio em uma descarga motriz, direta e imediata, ou seja, sem processamento psíquico.

Contudo, essa modalidade de obtenção de descarga pulsional, que se acredita estar presente nas toxicomanias, atesta um fracasso no circuito da pulsão. Esse circuito se constrói a partir da alternância entre a presença e a ausência do objeto, propulsoras da experiência de satisfação, da vivência da falta e, conseqüentemente, de uma condição de sujeito desejante. Quando o sujeito fica aprisionado, na fixação de seus investimentos, em um único objeto, imaginariamente controlável, por formarem uma unidade que indiscrimina a diferença entre o Eu e o não-Eu, comprova-se uma falha no campo da linguagem. As palavras podem ter a função de operar um reordenamento na cadeia pulsional, contanto que a experiência passe por um circuito que inclua o outro, a falta e o desejo. Entretanto, quando as palavras não contêm as intensidades que ingressam no aparato psíquico, está-se diante de *quantuns* de energia desligados de representação (Freud, 1920/1969), realidade que, conforme o proposto por Gurfinkel (1996), é vivenciada pelo sujeito toxicômano.

Giovanna relata como a ausência do outro semelhante em um momento inaugural de sua existência e essencial para sua constituição psíquica ainda promove sensações vivazes manifestas no corpo.

“Eu me fiz assim, eu não decidi, eu não tinha escolha. Ou eu era assim ou eu não ia ser nada. Quem é que ia ficar comigo? Quem é que ia fazer as coisas pra mim? Ninguém, não tinha quem fizesse. Acho que a minha glicose tá baixando de novo, eu tô te enxergando tudo chuviscadinho. Minha voz não tá fanha?”

O desamparo é expresso por um *quantum* de excitação que rompe as barreiras de proteção e ultrapassa os limites do estruturante psíquico, manifestando-se no corpo. Ao falar da solidão e da inoperância de um investimento relacional em termos de alteridade em seu universo psíquico, o corpo manifesta-se, evidenciando uma intensidade que não é passível de tramitar psiquicamente. Como sustenta Le Poulichet (2005), o próprio consumo de drogas pode surgir como uma tentativa de oferecer o corpo como uma forma de representação na busca de ligação dessa intensidade que não pode ser pensada e que obstaculiza a imagem de si e a construção de um projeto de vir a ser, fomentando, em seu lugar, a prática de condutas autodestrutivas. Para a autora, a *operação farmakon* pode ser entendida como uma tentativa do sujeito de atribuir bordas e contornos às intensidades que lhe são insuportáveis.

Conforme o modelo teórico proposto por Freud em “Além do Princípio do Prazer” (1920/1969), as lesões corporais provenientes das adversidades vividas em uma situação da guerra são uma possibilidade de ligação de uma intensidade a uma representação, ou seja, a intensidade do vivido ficava representada por uma marca corporal. Para o autor, diante do inusitado da guerra, ou seja, do susto derivado do despreparo psíquico dos sujeitos para lidarem com o excesso de realidade dessas

situações, o corpo oferecia-se como elemento de ligação com uma intensidade experimentada, formando uma representação, na tentativa de elaborar psiquicamente a vivência traumática. Nas toxicomanias, algo similar a essa hipótese teórica se manifesta. As práticas toxicômanas podem encenar uma tentativa do sujeito de implicar o corpo no trabalho de ligação psíquica de uma intensidade desgovernada, que não pode ser metabolizada. Giovanna elucida essa realidade quando, ao tentar falar do trauma, desvela a função do corpo de denunciar a presença da intensidade que transborda do campo simbólico, universo da linguagem, e se presentifica no real, através de sensações corporais.

Segunda Assertiva: O Toxicômano sofre de uma precariedade em suas marcas identitárias e, conseqüentemente, em sua imagem de si.

Referenciais identificatórios legitimados e compartilhados, que, a partir do exercício de funções que possam ser encarnadas por indivíduos, exerçam a tarefa de constituição psíquica de novos sujeitos, para alguns autores da psicanálise contemporânea (Melman, 2003; Lebrun, 2010), encontram-se em declínio. Nesse sentido, percebe-se, no relato tanto de Bruno quanto no de Giovanna, uma precariedade na constituição do Eu como imagem unificada. Para Freud (1914 b/1969), a construção dessa instância passa pelo encontro/desencontro com objetos que devem desempenhar funções definidas: a de cuidado como sustentação para o campo do desejo e a de interdição como operador da discriminação entre o Eu e o não Eu, ingresso no campo da lei entendida como um código compartilhado.

Bruno pontua sua impossibilidade de apropriar-se do nome do pai. Branca, ao adotá-lo, era casada com um homem alcoólatra, que é apresentado por Bruno como

ausente. Embora diga que não se importa com essa indiferença, ele se interroga sobre a chance de procurar por esse homem, com quem não tem mais contato.

“Mas ele nunca me procurou, por que eu que vou procurar? Às vezes é a lei do mais forte que funciona. Para mim, é só a minha mãe e deus.”

Nessa enunciação, esclarece a impossibilidade de encontrar nesse homem o exercício da função de interdição. O lugar totalizante que a mãe ocupa, evidenciado em sua fala, indica importantes falhas no exercício da função paterna, que pode ser encenada pelo pai, ou encontrar outros vetores que permitam que o desejo materno seja descentrado do filho, provocando fraturas nessa unidade inicial. Qual a lei que funciona para Bruno? A lei do mais forte? Branca parece assumir esse lugar de força e potencialidade, sendo descrita como capaz de tudo, de conquistar posses, construir bens materiais e viajar, enquanto Bruno se percebe como incapacitado, seu sentimento de si é empobrecido, seu Eu desvalorizado.

“O que interessa para mim é a minha mãe, o resto que se ferra. Não interessa mais nada para mim, ninguém. Eu tenho 31, mas, até eu morrer, eu vou ter construído alguma coisa para ela ter orgulho de mim.”

Ao relatar o mecanismo do enamoramento, Freud (1921/1969) indica a dinâmica que, em virtude da paixão por um objeto, coloca o sujeito em um lugar desvalorizado. Afirma que o objeto, nessas circunstâncias, passa a ocupar o lugar de Ideal-do-Eu, enquanto o próprio Eu, prisioneiro desse objeto, se esvazia por não poder erigir projetos que independam do outro grandioso. Bruno, aprisionado no desejo de Branca e servindo de alicerce que sustenta a desmentida da castração materna, encontra-se preso nessa relação dual, em que ele e Branca formam uma massa de dois (Le Poulichet, 2005). Contudo, nessa ilusória unidade plena, ela ocupa um lugar fálico, ao passo que ele apresenta importantes falhas em sua imagem e sentimento de si.

Entende-se que, por esse motivo, a posição de Bruno em relação à Branca parece paradoxal. Embora não expresse, em nenhum momento, raiva da mãe, ao contrário, em seu discurso ela surge como o único valor de sua história, diretamente atingida pelo seu uso de drogas, pois tem que mudar de Estado em função do envolvimento de Bruno com o tráfico. Uma tentativa de separar-se desse objeto totalizante? Os próprios planos futuros de Bruno são endereçados à mãe, uma vez que não sabe o que vai fazer, mas pretende construir algo para ela. A ambivalência nessa relação evidencia-se não em suas palavras, mas em suas condutas. Supõe-se, então, que o recurso do uso de crack se solidifica como uma tentativa de reeditar uma relação com um objeto totalizante, na reprodução de uma posição subjetiva de escravidão e fascínio diante do objeto primordial, claramente encenada por Bruno.

Ainda sobre a chance de se desvencilhar dessa trama, de sua posição de servidão e da exclusividade de seus investimentos em um único objeto, ele retoma a temática do nome do pai, afirmando que o atual padrasto assume compromissos com ele e o ajuda. Quando Bruno tinha 19 anos, foi registrado por ele.

“Sim, ele me deu o sobrenome dele, esse sobrenome que eu uso é dele. Da minha mãe é Souza. Até não boto Souza, que eu não gosto desse nome. Eu uso o dele. Foram eles que me registraram.”

Esses nomes, que fazem referência à formação de seu Eu, parecem não terem sido apropriados por Bruno. Utiliza o nome do padrasto, não gosta do sobrenome da mãe, mas afirma que esses nomes pertencem a eles. Citando Goethe, Freud (1923/1969) asinala que o herdado deve ser transformado para se tornar posse do sujeito. Depreende-se dessa fala que Bruno não se autoriza a assumir esses nomes como próprios. Mais do que simples palavras, eles podem carregar o sentido de uma história desejante que sustenta o tecido egóico. Contudo, Bruno não gosta do nome da mãe, usa o nome do

padrasto, busca as insígnias fálicas, mas elas seguem pertencendo ao outro. Usa o nome deles e não um nome que passou a ser seu, que o identifica. É como se afirmasse o seu Eu como uma fraude, fruto da nebulosa rede de (des) investimentos feitos nele como um sujeito diferenciado do outro.

Entender a função paterna como uma entidade simbólica, representante da cultura, encarnada em indivíduos que sejam seus vetores, leva a questionar-se sobre a época que se vive e que é fortemente marcada pela ausência de representantes dessa operação (Melman, 2003). Falhas referentes aos modelos identificatórios produzem lapsos na representação que o sujeito tem de si próprio, bem como na capacidade de simbolização. Essa precariedade dos referenciais identificatórios, da autoimagem e da potencialidade simbólica fica clara tanto na história de Bruno quanto na de Giovanna.

Giovanna conheceu a mãe aos 10 anos, e o pai, aos 17. A paixão dela pela mãe é clara. Embora seja uma relação dotada de raiva e brigas, sua inserção no mundo das drogas deu-se em uma tentativa de galgar espaço no campo do olhar e do desejo materno.

“Mas o marido da minha mãe, eu odeio ele, porque depois que ele foi morar lá na minha mãe, às vezes eu chamo ela de mãe, por culpa dele ela começou a brigar de novo comigo e a não me dar mais atenção. Daí, quando eu consegui que ela me desse atenção, por causa das drogas, daí, a gente se drogando junto, e daí, claro, para mim, foi uma forma que eu tinha de ter a atenção dela. No fundo, eu sei que eu odeio ela em alguns momentos, mas, claro que sei que faz falta, eu sou filha dela, eu nasci dela. Daí, ele conseguiu destruir, por mais que fosse ruim, por causa da droga, ele conseguiu destruir.”

A fragilidade dessa ligação e a inoperância de um vínculo dotado de Eros são fatores que contribuem para a relação de Giovanna com as drogas. Após experimentar

cocaína com a mãe e de seguir usando-a como possibilidade de troca com o outro primordial, em função da frequente reafirmação do desinvestimento materno e do caos pulsional decorrente dessa realidade, passou a fazer uso de crack. As brigas com a mãe são recorrentes. Em uma oportunidade, a impediram de comparecer a uma entrevista. Sua ligação com a mãe é a origem de uma intensidade que atua de forma autodestrutiva, na medida em que remonta a um caos primordial. Quando se refere à mãe, afirma ir para *Caos*, numa referência à cidade onde esta reside. Surge a indagação: a que caos Giovanna faz referência? Entende-se que seja uma indicação da posição caótica de não encontrar no olhar do outro respaldo para a sustentação de uma imagem unificada e valorizada do seu Eu.

“Eu sou ruim, por isso eu não posso ter filhos, eu não posso ter nada.”

Se o enunciado materno a responsabiliza pelo fracasso do seu plano de vir a ser, essa proposição é assumida por Giovanna, que se percebe como detentora desse potencial destrutivo. Freud (1914 b/1969) propõe que os desejos parentais, ao se verem encurralados pela realidade que aponta para a interdição, encontram respaldo no devir dos filhos, que é investido pelo desejo barrado, mas revivido como possibilidade. Opera com o conceito de “Sua Majestade o Bebê”, numa referência ao lugar de alvo do desejo do outro primordial, dinâmica estruturante do Eu. Pelos relatos de Giovanna, pela forma como descuida de si própria, por sua demanda de amor e pela maneira desvalida com que se percebe, constata-se que há um registro precoce de desinvestimento que não viabiliza que ela possa se ver como dotada de potencialidades que possam alicerçar a construção de um projeto para o seu futuro. Em relação aos seus (des)encontros posteriores, conta a forma como sente a presença do pai biológico, que conheceu há pouco tempo.

“É como conhecer qualquer um [...] sei lá, eu chamo ele de pai, mas não tenho intimidade com ele. Também xingo ele como se fosse um; na verdade, eu teria que ter mais respeito, é que ele parecia egoísta e maleducado, e, como eu não tive convivência de família, então, para mim são pessoas estranhas [...] então, é estranho, porque até eu associar, depois, quando eu falo com um...bah...é meu parente, mas daí já foi. Daí já é tarde demais.”

A dúvida em relação a pertencer a um grupo que a identifique, representado primeiramente pelo grupo familiar, recoloca-a em uma posição de desamparo. O pai biológico não se ofereceu ao exercício nem da função de corte, nem da de cuidado; ao contrário, reproduziu em sua história uma posição de indiferença. Sobre a tia adotiva, que ajudou a criá-la, Giovanna narra como a inoperância de uma função de lei a ressitua no caos de intensidades que provocam profundo desconforto e encontram alívio no uso da droga.

“A minha tia diz: ‘Eu me arrependo de não ter te dado educação’. Não educação, mas de não ter me dado limites. Só que tipo, se eu tô em casa com ela, eu não tenho carteira, mas digo que quero dirigir, ela deixa.”

A impossibilidade ou a incapacidade de esses adultos ocuparem uma posição hierarquizada perante Giovanna, lugar de outro semelhante (Freud, 1985/1969) que desempenha uma função especial, de organizador psíquico, custa-lhe um alto preço: o fracasso no reconhecimento de suas potencialidades. A solidão e o desamparo vividos por ela são encenados no período das entrevistas, onde, além de uma forte demanda de amor endereçada à entrevistadora (*“Se eu disser que te amo, amanhã não consigo mais voltar aqui para falar contigo”*), se verifica a ausência de algum familiar que compareça. Inúmeros contatos foram feitos com a tia, mais de uma vez os horários foram agendados, mas em nenhum deles ela efetivamente compareceu. Quando

contatada, dizia ter esquecido, ter estado ocupada com outras atividades, ou ter internado Giovanna e internado-se junto. Ressalta-se, aqui, o uso de álcool feito pela tia e a intensa relação de indiscriminação vivenciada por ela e a sobrinha. Nessa obscura teia relacional onde o outro se apresenta como indiferente, hostil ou indiferenciado (Gurfinkel, 1996), o recurso da droga, mesmo sendo, em alguma medida, uma remontagem dessas relações inaugurais, encena uma possibilidade de vir a ser para esses sujeitos.

Bruno afirma sua identidade através do uso de drogas.

B: “Eu sou um ex-usuário e sempre vou ser.”

E: “E o que mais tu é?”

B: “Cadê? E o resto? Só o Bruno, que não sabe fazer nada e o que sabe não pode fazer. Eu, agora, sou só um ex-usuário. Hoje, conversando contigo, um ex-usuário. Amanhã não sei, sem profissão, sem perspectiva nenhuma. O que que vai fazer, né?”

Entende-se que o uso de drogas ocupa a posição de um referencial que tenta viabilizar a construção de uma identidade quando o circuito pulsional evidencia um atalho que impossibilita a construção de um projeto de vida. Essa busca desenfreada por objetos identificatórios que ocupem espaços vazios faz com que não haja surpresa quando a droga é utilizada como uma tentativa de inscrição identitária. Nessa direção, Filho (2010) assinala que “criam-se grupos ou comunidades de indivíduos, ligados por elos de identificação que são constituídos a partir do consumo ou tráfico de drogas” (p. 1). Diante do vazio identificatório, surgiria uma derradeira tentativa de existência psíquica através do pertencimento a um grupo que venha a representar um ideal que defina o sujeito, como, por exemplo, sou um drogado.

Quando o outro se oferece como objeto indiscriminado do Eu do sujeito, a servidão e o fascínio emergem como um legado a ser reproduzido. É dessa forma que se entende a falta de educação a que Giovanna se refere, mesmo que ela ainda precise construir outros significados para suas palavras.

“Sempre, nunca ninguém mandou em mim.”

E, logo em seguida, faz uma referência à posição de submissão que ocupa nas relações, narrando uma parte de sua visão acerca de sua relação com a mãe biológica, usuária de cocaína.

“Por isso mesmo, por admiração ao jeito de uma outra pessoa, eu acabei ficando igual aos outros, eu acabei ficando igual a ela.”

A montagem toxicômana, de acordo com Le Poulichet (2005), conta uma passagem narcisista que ficou fixada na formulação de uma massa de dois, ou seja, na formação de uma unidade ilusória no encontro do sujeito com um objeto que possa obturar o espaço da falta e lhe propiciar acesso ao imaginário campo da plenitude e do gozo. O circuito pulsional, nesses casos, não passa pelo objeto perdido, ou seja, abdica do jogo presença/ausência que se estabelece entre a mãe e o *infans*, no modelo do *fort-da* (Freud, 1920/1969). Assim, se as identificações estruturantes se fundam no terreno da falta, as toxicomanias deixam em suspenso o trajeto pulsional, pois se alicerçam em um atalho no circuito da pulsão, que exclui o objeto como diferenciado do Eu.

Retomando a fala de Giovanna, questiona-se se sempre ou nunca mandaram nela. A presença do advérbio *sempre* antecedendo a construção de sua narrativa pode indicar uma intensa ambiguidade, evidenciando uma posição de assujeitamento aprisionante ao outro. Como assinar a alforria e declarar-se livre, se o subjacente a essas dinâmicas psíquicas parece ser a iminência de que, no descolamento desse objeto, o sujeito ficará desamparado, com uma imagem de si dotada de destrutividade,

desvalorizada e incapacitada? Se a perspectiva desses sujeitos em relação ao seu próprio Eu é a de uma incompetência implacável, como poderão eles se libertar dos objetos dominantes em seus pontos de vista continentais de tantas qualidades e potencialidades? A reconstrução de uma imagem de si coloca-se como imperativo para se pensar em uma existência mais livre para esses sujeitos.

“*O meu sonho era ser brigadiana*”, afirma Giovanna numa clara referência à profissão do pai adotivo, pessoa que parece ter construído com ela registros de cuidado. Em uma ocasião, relata as escassas recordações infantis que possui e rememora vídeos gravados por ele, que a levava para brincar numa pracinha. Nesse sentido, acredita-se que um frágil rastro identificatório se inscreveu, ligando essa figura a uma possibilidade, mesmo que remota, de futuro para Giovanna.

Da mesma forma, Bruno afirma sua vontade de seguir adiante, construindo um futuro diferente para si: “*Planos eu tenho muitos, doutora.*”

Contudo, constata-se que a execução desses projetos fica inviabilizada por essa particular forma de se ver. O empobrecimento egóico faz com que os sujeitos se sintam incapacitados de executar uma nova modalidade de devir. Dessa forma, a força da repetição ganha espaço, e a atuação de um plano que tem em seu cerne uma singular economia psíquica, de servidão a um único objeto em decorrência da profunda precariedade na imagem e no sentimento de si, se reafirma como caminho a ser seguidos. Desse modo, narra Giovanna:

“*Não, eu não tenho nada, pra te falar a verdade. Eu tenho família, eu não tenho nada. Eu tenho a mim, e olha que é pouco ainda. Te considera, te bota no lugar, imagina tu ser uma pessoa sozinha no mundo, eu me vejo sozinha, eu não me vejo com mais ninguém. Com ninguém eu posso contar, ninguém pode contar com ninguém. Família não é amigo de ninguém. Nenhum parente é*

amigo, parente é parente, amigos são os meus dentes. E olha que eu já vou ter que perder quatro. Então, por isso que é difícil vir aqui e falar sobre mim, por que minha vida é eu e só eu. É o que eu sinto, é o que eu tenho vontade de fazer, e é isso.”

Essa entrega do sujeito a um vazio no espaço que deveria ser ocupado pelo outro, além de produzir condutas onipotentes na tentativa de aplacar a angústia proveniente do desamparo, indica um caminho autodestrutivo a ser seguido, fruto da inoperância dos referenciais identificatórios. Assim, a droga, aqui, além de ocupar um lugar de evitação do desprazer e obtenção de alívio em termos quantitativos, oferece ao sujeito uma marca que sustenta sua existência quando o vazio identitário aponta para o não ser: sou um drogado surge como assertiva que viabiliza a construção de uma identidade.

Terceira Assertiva: A modalidade de uso de drogas chamada toxicomania evidencia uma forma de descarga pulsional que conta sobre fortes prejuízos de Eros

Ao descrever as pulsões e seus possíveis destinos psíquicos, Freud (1915b/1969) afirma que a tônica da dinâmica pulsional estaria nas inevitáveis oscilações nos encontros e desencontros com o objeto da satisfação. Assim, conclui-se que a pulsão só se desvela a partir do encontro com o objeto, e é através desse campo relacional em que o desejo encontra sustentação na atividade autoconservativa que o aparelho psíquico vai-se construindo e se complexizando. Logo, a energia psíquica demanda trabalho ao aparato, que se vê obrigado a criar formas de lidar com os imperiosos *quantuns* de excitação que acometem o sujeito.

Contudo, constata-se que o desprazer é oriundo de fontes internas – pulsões – e externas – elementos desagradáveis do mundo que ameaçam o psiquismo por serem perigosos (Freud 1920/1969). Assim, nos casos em que a descarga é frequentemente realizada de forma bruta, ou seja, quase direta, pela via do ato, como nas toxicomanias, é-se levado a pensar em sujeitos com um histórico vivencial permeado por invasões reais ocupando o lugar dos cuidados fundantes, o que produz vazio onde a representação adviria (Giacobone & Macedo, 2010).

Bruno descreve como um atalho no circuito pulsional se faz presente desde os primórdios de sua história. Faz referência a um grupo de seis primos com quem conviveu intensamente durante a infância e a adolescência. Atualmente, mantém contato escasso apenas com um deles, o único que não faz uso de drogas. Sempre atribui sua toxicomania à vivência na vila. Para ele, neste contexto, haveria apenas uma forma de ter acesso ao registro fálico: envolver-se com o narcotráfico. De usuário, logo se tornou funcionário do tráfico de drogas. Quando questionado sobre o caminho alternativo trilhado por esse primo, que hoje possui condições de vida mais autônomas ele afirma:

“Ele batalhou, e nós fomos para o outro lado, pela facilidade. Não vejo os outros cinco fazendo o que ele fez pra tá bem como ele tá hoje. Não vejo isso. Vejo ele totalmente diferente de eu e do que os outros. Eu procurei a facilidade.”

Pensando nesse caminho de facilidade descrito por Bruno, surge um primeiro elemento para ser analisado: “[...] *este primo que se deu bem foi o que saiu do ninho*”. Logo, sair do ninho é uma possibilidade de crescer na vida, a qual não parecia acessível a Bruno. Ele preferiu o caminho que encenava uma singular e fascinante forma de ser: *“Quero ser patrão*”. Porém, este caminho da facilidade, segundo ele, tem um alto custo.

Enquanto o primo trabalhava de caixa no *Mc Donald's*, num trajeto de superação que passava pelo limite de não ganhar altos valores salariais, estudar à noite, conduzir sua vida num projeto que incluía o registro da castração, Bruno e os demais preferiram o caminho da facilidade.

Essa palavra, inúmeras vezes utilizada por Bruno em seus relatos, parece ter nuances ambíguas. Embora padeça em nome da tal facilidade, o caminho do crime e das drogas aponta para um universo onde o registro da interdição é tênue. Um caminho sem frustrações, em que ganhava por dia o que o primo obtinha mensalmente. Entretanto, visualiza-se, aqui, o que Freud (1911/1969) pontua acerca de um aparelho mental que funcionasse sob a égide exclusiva do princípio do prazer. Segundo o autor, essa imagem seria uma utopia, uma vez que essa forma de funcionamento psíquico conduziria o sujeito à morte. A ausência do princípio da realidade como registro da necessidade de postergação da satisfação levou Bruno a um atalho no circuito da pulsão. Contudo, no longo prazo, a facilidade de ver-se cristalizado numa posição de completude, quando fusionado ao objeto (mãe/droga), tornou-se uma dificuldade que o fez abrir mão da família, do trabalho e da própria casa, pois Bruno tornou-se um morador de rua.

Nessa direção, Sissa (1999) afirma que o encontro do sujeito com a droga não pode ser pensado fora de uma cadeia temporal. Inicialmente, a relação é vivida como uma fase cor-de-rosa, quando o entorpecente cumpre a função de inviabilizar a interdição, de descarregar intensidades desconfortantes e produzir prazer. Na sequência do uso, descortina-se uma vivência brutal e mortífera, quando a própria droga passa a ser um imperativo na vida do sujeito do qual ele não pode prescindir. Nessa etapa, percebe-se a ocorrência de condutas de descuido de si, de busca frenética pela substância, de padecimento físico e psíquico diante de sua ausência, além de situações de extrema violência e perigo.

Pensando esse processo desde a perspectiva da Psicanálise, Gurfinkel (1996) descreve dois níveis do uso de drogas, que se entende como análogos ao descrito por Sissa (1999). Para o autor, num período inicial, a droga é administrada no sentido de operar o princípio do prazer, ou seja, como uma forma de satisfação pela via da alucinação decorrente do consumo da substância. Em outro nível, ou em outro tempo, o consumo exacerbado torna-se a expressão do desejo de abolir o caminho para se alcançar a satisfação e, em consequência, elimina a capacidade desejante, as funções de autocuidado e o próprio circuito pulsional. Nesse segundo tempo, para o autor, seria perceptível o predomínio do nirvana sobre o princípio do prazer.

Sob a perspectiva intersubjetiva, pode-se entender este circuito da pulsão a partir das interações duais e edípicas. A entrada de um terceiro na relação inicial do sujeito com o outro primordial depende da permissão materna para acontecer. Para Poli e Becker (2004), a função paterna protege a criança de ser absorvida maciçamente pela demanda da mãe. É através desse terceiro que a pulsão poderá representar-se e figurar-se pela via da troca em sua meta. Caso o terceiro elemento não se presentifique e a função paterna não possa efetivar-se barrando a relação alienante da mãe com o sujeito, o trajeto pulsional entra em curto-circuito, e a descarga possível dá-se através de um atalho que não tange os processos de identificação e seu trajeto até a escolha objetal. Nesse sentido, o sujeito toxicômano está aprisionado ao sofrimento de não poder ver-se como discriminado do outro e não encontrar formas alternativas ao ato para lidar com as intensidades da pulsão, além da energia oriunda da realidade externa que inunda o aparato psíquico.

Na medida em que a metáfora paterna não opera como vetor de novos destinos para a pulsão, como o recalque propriamente dito (Freud 1915c/1969), por exemplo, percebe-se, nos casos de toxicomania, outra modalidade primordial de destino pulsional.

De acordo com Le Poulichet (2005), a presença da *operação farmakon* possibilita ao sujeito o borramento das sensações e das percepções, produzindo alucinações e fazendo com que o consumidor rompa momentaneamente com a realidade que o assola. Esse *feitiço de farmakon* proposto pela autora consiste em uma forma de sonhar acordado, quando, muitas vezes, nem o próprio sono surge devido ao consumo de drogas. Para Le Poulichet (2005), a adesão a esse recurso tem como objetivo a busca da satisfação e o alívio da dor, no entanto, não contempla o uso do recalque, mas, sim, do mecanismo do cancelamento tóxico das sensações e das percepções através da droga. Assim, a toxicomania consiste em uma forma particular de lidar com a magnitude de intensidades de origem tanto endógena quanto exógena. Há, por ocasião do uso, um reinvestimento narcisista da libido, quando o sujeito se desconecta de qualquer estímulo proveniente do mundo externo e encontra um possível destino para as demandas internas a partir do potencial alucinatório ou do cancelamento, pela via do tóxico, dos imperativos da pulsão.

“Todo usuário usa alguma coisa que, pra esquecer alguma coisa, só que daí não dá, é, não passa, né? Os problemas não acabam, eles pioram. Por isso que cada vez fica pior, mas o quê que eu vou fazer? (Silêncio breve). Todos os usuários estão ligados ao sofrimento; algum problema, alguma dificuldade, todos.”

Giovanna descreve a alquimia anestésica e mortífera que supõe estar presente nas toxicomanias. Esclarece como a inoperância do mecanismo do recalqueamento (Freud, 1915c/1969) como modalidade defensiva do Eu frente a imperativa força da pulsão faz com que surja, nos casos de toxicomanias, a supressão tóxica da intensidade pela via do entorpecente (Le Poulichet, 2005). Devido a essa alteração no destino escolhido para a pulsão, percebe-se o falecimento do potencial simbólico, do uso do pensamento como

fonte de alívio para as demandas pulsionais. O ato de drogar-se consiste, assim, em uma tentativa de sedar-se de intensidades pulsionais insuportáveis que assolam o sujeito.

Sabe-se, através da Psicanálise, que a construção de modalidades de descarga variadas e complexas para esses *quantuns* de excitação se alicerça no encontro com o outro. A pulsão (Freud, 1915b/1969) impele o sujeito a buscar sua descarga, ela pulsa na busca de satisfação. Todavia, nem sempre o encontro com o objeto como fonte de satisfação ocorre, e os inevitáveis desencontros favorecem a criação de vias colaterais de descarga (Freud, 1895/1969) para a intensidade que acomete o sujeito e lhe provoca desprazer. A possibilidade de construir novas vias de descarga pulsional evidencia que a matriz do pensamento, forma elaborada de trâmite psíquico, tem origem no processo de identificação do sujeito com a tarefa exercida pelo outro semelhante de drenar as intensidades.

“Falar com quem? Falar o quê, sobre o quê? Nem sei, vou falar o quê?”

Se o requinte nas modalidades de descarga pulsional é consequência da identificação com o outro semelhante, como se pode pensar a complexização do aparato psíquico em sujeitos que apresentam importantes precariedades em suas marcas identitárias? Falar com quem?, interroga-se Giovanna. E, em decorrência desse vazio deixado no lugar do outro semelhante, ela encontra uma forma autocentrada de lidar com as intensidades que a acometem.

“Eu prefiro ficar sozinha, isolada. Eu não dou certo com ninguém, então, eu não sei o que é que acontece.”

A dor proveniente do sentimento de desamparo faz borda com uma intensa angústia de fragmentação corporal. Nesse sentido, Le Poulichet (2005) posiciona-se afirmando que o padecimento toxicômano está ligado a um período anterior à relação do sujeito com o outro como um ser diferenciado, ou seja, é anterior à sua imersão no campo da linguagem. Logo, a dor não encontra forma de se representar pela via da

palavra, pois o sujeito se encontra excluído da cadeia simbólica. O corpo surge, então, como possibilidade de aplacar as intensidades.

“Mas esse é o problema: eu sou uma assassina. Esse é o problema, eu acho que eu sou que nem bicho: eu nem penso direito.”

Ao descrever sua impossibilidade de pensar, Giovanna remete aos primórdios dessa capacidade mental que é adquirida através do encontro com o outro semelhante que precisa conter a angústia primária e auxiliar na tarefa de processá-la, atribuindo sentido ao inominável da pulsão. Conferir sentidos aos seus sentimentos é tarefa árdua, Giovanna não entende as metáforas:

“É que tu fala: vamos falar da tristeza? Mas, para mim, tristeza é tristeza, dor é dor, não tem explicação para essas coisas.”

Excluído da cadeia metafórica, o sujeito toxicômano vive a força de intensidades desligadas de representações que irrompem, colocando-o em situação de extrema vulnerabilidade. Mesmo que o corpo padeça frente a esse *quantum* de excitação não metabolizado, ele também se apresenta como uma tentativa de inscrição, no campo real, da intensidade que não encontrou alívio em uma marca representacional, logo, não galgou o registro simbólico. Nessa direção, Bruno relata os fatores que contribuíram para a recaída que vivenciou durante o período em que as entrevistas estavam sendo realizadas.

B: “Tu nunca brigou na faculdade? Nunca discutiu? Sempre tem uma discussão, tu já viu, né?”

E: “E as discussões têm relação com a recaída?”

B: “É que é difícil falar. Eu sou um dos caras que mais tenho vergonha, eu só falo com vocês. É difícil falar dos sentimentos, da dependência química, o que

tá sentindo, o que tá doendo, o que tá ruim. Ninguém entende, ninguém entende.”

Bruno denuncia uma importante falha em sua matriz simbólica, tendo em vista que as intensidades oriundas das discussões poderiam ser metabolizadas pela via da palavra, quando esta ocupa um lugar diferenciado na história dos sujeitos: a palavra como representante de uma função do pensar que pode orientar as práticas. O outro semelhante pode ser entendido como a sede da palavra, na medida em que é através dele que ela se introduz na vida do bebê e passa a atribuir sentido às vivências subjetivas. Percebe-se, então, esse déficit simbólico associado à ausência do outro, vetor da função de cuidado e de interdição: falar com quem? Para quê? Ninguém entende! O outro não escuta o que não seja o seu próprio desejo, e o sujeito, aprisionado nessa massa de dois (Le Poulichet, 2005), ou seja, na imaginária dualidade inicial, prescinde da linguagem em seu sentido metafórico e erótico como instrumento que produz ligações psíquicas.

“Aí é tudo, tudo. Se eu me acordo com vontade, se eu me acordo de mau humor, aí dá vontade de usar. Se alguém fica me chateando, dá vontade de usar. Se eu for em um lugar que eu não gosto, eu quero sair e já quero usar. Qualquer coisa que acontece: ah, vou me acalmar! Uma coisa que me acalma é usar cocaína, então eu uso, quer dizer, usava.”

Impossibilitada de compreender e expressar o que a orienta para o caminho da droga, Giovanna parece descrever uma modalidade de economia psíquica. Diante de qualquer intensidade que a acomete, recorre ao tóxico como forma de aplacar o desconforto que sente, para se acalmar. Embora sua fala se estruture muito mais no sentido de referir-se a um fator quantitativo – conforme o proposto por Gurfinkel (1996) uma particularidade da experiência toxicômana –, também remete ao encontro com o outro semelhante e à possibilidade de este situar-se como destinatário das angústias

iniciais do *infans*, da tarefa de nomeá-las e do exercício de apresentar maneiras de aplacá-las.

Segundo Giovanna, o entorpecente passa a ocupar um lugar essencial em sua economia psíquica. Para Le Poulichet (2005), o tóxico desempenha uma função essencial para a continuidade da própria sobrevivência psíquica do sujeito, ao mantê-lo anestesiado da angústia de fragmentação que o assola. Dessa maneira, a droga desempenha uma função protetora, acalma o sujeito através da construção de um circuito autocentrado para lidar com seus sentimentos, fazendo com que ele opere como alquimista de si mesmo.

Quarta Assertiva: O tratamento das toxicomanias precisa considerar uma mudança na posição subjetiva, auxiliando o usuário a fazer uma travessia da alienação para a autonomia.

Até a implementação da Reforma Psiquiátrica Brasileira, legitimada em 2001 através da Lei nº 10.216, as intervenções em saúde mental baseavam-se em práticas de contenção, balizadas pelo enfoque hospitalocêntrico e institucional. No campo da saúde de usuários de álcool e outras drogas, o mesmo modelo de intervenção vigorava, e o tratamento entendido como eficaz se sustentava nas mesmas diretrizes de saúde que propunham a internação/reclusão como única possibilidade para o processo de cura, entendida, até esse momento, como sinônimo de abstinência.

A problematização dessa realidade nas políticas públicas de saúde brasileira começou quando modelos alternativos de tratamento foram desenvolvidos e se mostraram produtivos em países da Europa. Além disso, constatou-se que a abordagem focada na reclusão e no disciplinamento produzia novas situações de violência, reforçava uma posição de alienação, geralmente presente na realidade das doenças

mentais, e promovia benefícios em apenas 30% dos casos (Nunes, D, Santos, L., Fisher, M. F., Guntzel, P., 2010).

A partir da legitimação e da adoção dessas novas diretrizes pelo Sistema Único de Saúde (SUS), outro formato de tratamento começou a ganhar espaço e a produzir uma nova visão de saúde que, para além da ausência de doenças, enfocava a produção de subjetividade. Nesse sentido, a saúde foi municipalizada e os Centros de Atendimento Psicossociais (CAPS) foram constituídos dentro da ideologia de serem dispositivos antimanicomiais, tendo em vista que contemplam apenas internações breves. Contudo, conforme Nunes et al. (2010), no interior desses novos territórios ainda persistem práticas afastadas da produção de cidadania, ou seja, impregnadas de preconceito e segregação.

Tomando como tema de reflexão as práticas de reclusão e controle no campo do tratamento de sujeitos toxicômanos, encontram-se nas falas dos entrevistados indicadores de como entendem tais práticas. Sobre a necessidade de ficar em abstinência, diretriz que norteou a maioria dos tratamentos que já realizou, Bruno afirma:

“Parar de usar qualquer um para, quero ver eu continuar. Qualquer um para, eu vou para uma fazenda dessas, e eu paro.”

Bruno esclarece que a reclusão possibilita a abstinência, mas reforça a alienação, permitindo a interrupção do uso, mas não o instrumentalizando a mantê-la quando retornar à sua rotina cotidiana. Segue indagando-se sobre como seria possível criar uma maneira de não utilizar a droga, já que sua pretensão é parar de usar, mas manter-se inserido no laço social. Sobre sua vida sem as drogas afirma:

“Eu levo uma vida de droga, igual agora, tô levando uma droga de vida. Parei de usar droga, mas tô numa droga de vida.”

Pode-se pensar, aqui, em falhas na construção do Ideal-do-Ego, uma vez que Bruno se depara com um vazio, quando poderia projetar planos para o seu devir, o que transforma sua vida em uma droga. O Ideal-do-Ego é uma instância psíquica que se relaciona ao ser e ao ter projetados no futuro, terreno do narcisismo secundário, alcançado, de acordo com Freud (1914b/1969), através da constatação da impossibilidade de manutenção de um Eu-ideal. A passagem do narcisismo primário para o secundário implica, além do reconhecimento do outro (Eu e não-Eu), a sua superestima. Essa diferença entre o que o sujeito não é e o que deseja ser, na tentativa de que o outro superestimado o reconheça, é o Ideal-do-Eu, instância constituída pelo discurso alienante oferecido pela mãe, discurso que oferece referenciais identificatórios que, logo em seguida, serão internalizados pela criança que gerará os seus próprios enunciados. Na adolescência, esses enunciados serão postos à prova pela sociedade e poderão encontrar novas conexões, na tentativa de se representarem e de satisfazerem as exigências do outro estimado e as próprias do sujeito, consolidando as possíveis vias do prazer.

Para que esse caminho seja traçado, é necessário que, num período posterior ao de servidão, o *infans*, a partir da entrada do terceiro, possa ressituar-se nessa dialética do desejo, posicionando-se como sujeito faltante, mas que possui um caminho a seguir: se não posso ser ele e nem ter o que ele tem, devo seguir meu caminho, identificar-me com ele para poder vir a conquistar o que desejo.

Bruno, por reconhecer de forma muito tênue, em si e na mãe, o registro da interdição, afirma ter seguido o caminho da facilidade e, conseqüentemente, apresenta dificuldades de eleger para si planos para o futuro e colocá-los em prática. Durante as entrevistas, projeta inscrever-se em algum curso, mas logo comenta:

B: “Eu tô vendo que eu não posso me manipular.”

E: “O que tu quer dizer com manipular?”

B: “É qualquer coisa que tu vai fazer, não tem dinheiro, qualquer coisa. [...]”

Eu não me importo que o guri venha comigo, que a minha mãe venha aqui, mas eu vou procurar um curso com a minha mãe do lado? Bah, um homem de 31 anos, não é mole, né?”

Ele demonstra deparar-se com o que perde ao se manter aprisionado a essa relação inicial de completude no fusionamento com mãe, território do Eu-ideal. Como criar um projeto para o seu futuro se permanece adesivado ao objeto? Prisioneiro do outro, consolida-se em uma posição subjetiva de escravidão, pois, em função do seu uso de drogas, a indicação médica é de que alguém o acompanhe em suas atividades para se certificar de que ele não irá recair.

Acredita-se que uma proposta de tratamento alicerçada na construção de uma posição subjetiva de autonomia e não na extinção de um comportamento colaboraria para promover interrogantes. Bruno não demonstra refletir sobre essa realidade, embora a considere desconfortável. Contudo, não parece perceber a sua posição permanente de dependência dos objetos e nem se questionar sobre como uma via conhecida por ele como uma facilidade se transformou em um grande impasse no seu devir.

Giovanna decide internar-se durante o período das entrevistas. Está muito amedrontada com a crescente vontade de substituir cocaína por crack, droga que começou a usar na forma de pitico, ou seja, misturada com maconha. Almeja que a internação a auxilie a redirecionar seus pensamentos para outras atividades que extrapolem o universo do uso de drogas e o ambiente que o circunscreve, mas segue aprisionada ao modelo da servidão e da submissão, oferecendo seu corpo como um espaço de luta entre o tratamento e a sua necessidade de drogar-se.

“Eu penso em me internar porque eu tenho que pensar na minha vida, porque aqui fora eu não consigo pensar em nada, a não ser em cocaína e em brigas. Eu só brigo, passo o tempo todo brigando com as pessoas.”

Interna-se buscando uma contenção exterior que lhe permita pensar ao invés de atuar. A reclusão inibe o pólo motor, impede que a descarga se realize pela via do ato e, nesse sentido, lhe oferece a possibilidade de pensar. Todavia, acompanhando Giovanna, percebe-se que sua prática de pensar aproxima-se de uma ruminação de ideias que fomenta um desejo de vingança em relação àqueles que a fizeram sofrer. Assim, segue aprisionada ao seu drama particular, precisando processá-lo psiquicamente para que não necessite sucumbir ao uso de drogas.

Entende-se que o sintoma, ou seja, o ato de consumir drogas, além de, em alguma medida, proporcionar satisfação, oferta ao sujeito uma marca identitária que sustenta sua existência. Sendo assim, aclara-se o alto custo que terá para o usuário abrir mão do objeto-droga, uma vez que isso acarretaria a perda de uma parte do seu próprio Eu. Desse modo, outros formatos de intervenção surgem como propostas alternativas visando a uma transformação no sujeito consumidor, operando uma travessia subjetiva da alienação para a autonomia.

No âmbito da saúde pública, a busca pela cidadania no cuidado aos usuários de álcool e outras drogas inclui o Programa de Redução de Danos (PRD), que parte da ideia de que o mundo livre das drogas é uma utopia e, a partir dessa constatação, propõe uma forma de auxiliar os usuários a se relacionarem de maneira mais responsável com as mesmas. Em uma posição de respeito ao sujeito consumidor e à sua cultura, é possível construir-se com ele uma relação de confiança e afeto e, com esse novo vínculo, resgatar suas práticas de cuidado de si. Nesse encontro pautado no respeito às suas escolhas podem ser criadas novas formas de existência para esses sujeitos. Nesse

sentido, Conte (2003) aponta importantes articulações entre a proposta de intervenção sustentada pela Psicanálise e aquela formulada pelos pressupostos do PRD.

A Psicanálise também respeita a dimensão do sintoma e a potencialidade de cada sujeito realizar suas próprias escolhas, entendendo que a abstinência deve estar situada do lado do profissional de saúde, conforme o proposto por Le Poulichet (2005). Com isso, não se sustenta a ideia de que a abstinência não possa ser uma possível solução para essa problemática, desde que a mesma surja como uma demanda do próprio sujeito consumidor.

Quando questionada sobre suas expectativas em relação ao processo de cura, Giovanna demonstra nunca ter refletido sobre o tema. Possui a lembrança das palavras do psiquiatra e da tia, da exigência para que interrompa o uso de drogas, mas, quando perguntada sobre sua perspectiva a respeito do processo de transformação, ela apresenta dificuldades em posicionar-se. Torna evidente a ausência de reflexões próprias sobre seu futuro e de um caminho de autonomia.

“Eu não sei como é que eu gostaria que fosse. Alguma coisa que eu sei, do que eu quero, é diminuir, só isso. Ah, tá bom, se eu puder não usar, melhor ainda. Na verdade, não tem um, na minha cabeça, eu não tenho em mente parar de usar. Ah, de vez em quando é bom usar, sair. Eu vejo muitas das minhas amigas que saem e usam, tipo, fazem uma, duas vezes e param.”

A possibilidade de regular seu próprio consumo parece interessá-la, ela percebe, através das amigas, que existe uma possibilidade mais autônoma de consumo de entorpecentes. Mas também constata que, nela, algo contribui para que o limite entre o ato de usar e o de parar fique borrado, de forma que não percebe a hora de interromper o consumo, chegando a ter ficado em torno de cinco dias sob o efeito de cocaína.

Essa percepção de Giovanna acerca das nuances presentes nas diversas modalidades de uso é trabalhada por Le Poulichet (2005), quando define a *operação farmakon*. Para a autora:

A Operação farmakon, como formação narcisista, não dá testemunho da estrutura do sujeito e sofre destinos diferentes. Para mim se trata de uma formação que pode ser inteiramente transitória e que está referida ao que aconteceu ao sujeito antes de seu aparecimento. (p. 117)

Quando a autora faz referência às experiências do sujeito, entende-se que é nesse sentido que se pode compreender a dificuldade de Giovanna e de Bruno de conseguirem fazer um uso menos compulsivo. Constata-se que a toxicomania alude a experiências de dor que têm sua origem na realidade material e que inundam o psiquismo por não serem passíveis de metabolização psíquica. Assim, essa operação tenta dar contorno à pulsão através de um atalho no seu circuito, na medida em que esta não passa pelo ir e vir inevitáveis quando há o encontro com o outro, entendido, aqui, como um objeto discriminado do Eu.

Provavelmente, os aspectos de desamparo precoce e alienação às demandas do outro, marcadamente presentes na história de Giovanna e de Bruno, são fatores que contribuem para a modalidade de uso descrita por eles. O entorpecente, em seus casos, opera, conforme o descrito por Le Poulichet (2005), como um remédio que auxilia a lidar com as intensidades insuportáveis, ao mesmo tempo em que os envenena.

A Psicanálise, nesse campo do padecimento humano, não se ocupa de tratar da dependência química, mas do sujeito que sofre por estar aprisionado em uma condição na qual há uma formação sintomática crônica que o deixa servil e desamparado. Trata-se de escutar este sujeito em suas demandas relacionadas ao tóxico, sobretudo num período inicial, mas sem descuidar da importância de construir com ele, de forma

criativa, possíveis ligações entre o objeto-droga e outros objetos que já ocuparam lugares primordiais em sua história. Na construção dessa travessia em que o sujeito parte de uma alienação, por não saber de si e acreditar que o entorpecente o governa, é necessária a formulação, amparada pela relação transferencial – condição da alteridade –, de uma posição de maior autonomia, autoconhecimento e (re)construção da autoimagem.

Nessa direção, Melman (1992) sustenta que a inviabilidade da Psicanálise em casos de toxicomanias não se situa no campo da técnica, pois os sujeitos toxicômanos não são avessos à relação transferencial. Esse impasse, muitas vezes, se estabelece no lado dos analistas, que, não raramente, estão pouco dispostos a escutar as peripécias onipotentes dos usuários, assim como a degradação proveniente do uso prolongado. Le Poulichet (2005), mesmo considerando viável essa especificidade da clínica psicanalítica, analisa algumas adversidades no manejo transferencial, nesse campo clínico.

Para a autora, o campo analítico precisa constituir-se como um espaço novo, e, nesse sentido, ela propõe que, nessa nova dinâmica transferencial, a abstinência se situa do lado do analista. Entende como um entrave para a cura a assunção, por parte do profissional, de um papel de luta contra a droga. Quando isso ocorre, e o analista demanda ao analisante que abra mão de seu sintoma, coloca-se, na dinâmica da transferência, em uma posição dual, que reedita a alienação em que o sujeito toxicômano se encontra. A escuta psicanalítica pode oferecer ao sujeito um campo diferenciado, se o analista evita assumir a posição de quem irá salvar o analisante desintoxicando-o e puder contar com o terceiro simbólico, ou seja, com as considerações do inconsciente como ordenadoras do processo de cura. Dessa forma, o terreno da análise pode tornar-se fértil.

Giovanna, ao ser entrevistada, rememora duas passagens de dois tratamentos psicológicos que já buscou em função do seu uso de drogas. Em ambos, no campo transferencial, uma relação de paixão e fascínio irrompeu intensamente. Parece que uma condição para o seu processo de cura consiste na escuta e na compreensão da sua demanda de amor como um endereçamento transferencial, logo, como uma manifestação do inconsciente que carrega sentidos ocultos que clamam por decifração.

“Porque eu falei as coisas pra ela e fiquei com vergonha, né? Falei, tipo, eu falei pra ela que eu prefiro o verão, porque sempre no verão ela vem de vestido, daí ela ficou me olhando com uma cara (risos). É, falei pra ela. Até pra minha outra psicóloga eu falei pra ela que ela tinha um corpão na última sessão que eu vim. Falei: ‘Tu tem um corpão, tu é tri bonita’, e ela: ‘Ah, é um direito teu e não sei o quê de achar as coisas’. Tipo, eu não tenho problema de falar na hora, sabe? Só que daí, depois, quando eu saio pra ir pra casa de novo fico: não posso. Ah, é complicado. Por isso que eu sou assim: tudo o que me passa na cabeça eu falo.”

Entende-se que Giovanna fala de sua demanda de amor, da necessidade de encontrar no outro um olhar que possa servir de estruturante psíquico. Ela afirma que se apaixona por todas as mulheres que cuidam dela, que a escutam, que se importam com ela. Quando interrogada sobre as causas desse amor ela, prontamente diz:

“A primeira mulher que faz isso com a gente é a mãe da gente, né? Mas eu acho que isso não tem nada a ver!”

Revelar esse amor impossível, como Giovanna faz com quem se dispõe a escutá-la, inclusive a entrevistadora, torna-se para ela motivo para se retirar das relações e isolar-se, promovendo seu encontro com a droga. Ao mesmo tempo em que deseja ser amada, foge e envergonha-se de sua demanda. O espaço analítico seria, então, um

território propício para que ela falasse daquilo que considera vergonhoso, mas que insiste em passar pela sua cabeça, ou seja, essa história precoce de abandono, rejeição e paixão que estabelece com o outro primordial e reedita em suas relações atuais. É esse campo novo, conforme proposto por Le Poulichet (2005), que pode instrumentalizar uma mudança subjetiva em Giovanna, fazendo com que a droga, secundariamente, possa ser deixada de lado, se essa for sua vontade.

A Psicanálise sustenta que, a partir da relação transferencial, pode criar-se, pela via da construção, uma história que ofereça um novo destino a essas intensidades insuportáveis e desligadas e, conseqüentemente, que (re)insira o sujeito na cadeia metafórica e na lógica do desejo. Assim, concorda-se que o pressuposto da abstinência deve localizar-se no território do analista, conforme a recomendação freudiana (Freud, 1912/1969), pois, ao situá-la do lado do analisante, se cria uma exigência que impossibilita a intervenção e, para a Psicanálise, um entrave para o estabelecimento do campo transferencial. No tratamento, é fundamental uma ressignificação da história singular e não apenas a oferta artificial de um novo sistema de valores. Essa ressignificação levará a uma nova posição do sujeito na palavra e à instauração de novos itinerários simbólicos.

Contribuições Finais

Contando com os importantes aportes psicanalíticos na compreensão das toxicomanias, entendemos que a ênfase de uma abordagem psicanalítica para esta temática preconiza uma leitura do fenômeno que parte da singularidade de cada subjetividade sem desconsiderar as questões relativas à história do sujeito, a sua posição subjetiva e às repercussões das questões sociais. Nesse sentido, nesta seção empírica, ao contar com as histórias de Bruno e Giovanna, constatamos como as intensidades

vivenciadas precocemente e não tramitadas pelo psiquismo podem encontrar, como forma de descarga, a via do ato, e, sobretudo, nestes casos, do ato de consumir drogas. Na realidade das toxicomanias o consumo se constitui como uma forma de tentar medicar-se diante do insuportável destes *quantuns* de excitação, ao mesmo tempo em que existe uma possibilidade real de deparar-se com a morte, seja por envenenamento ou, em nossa realidade social, pelas inúmeras situações de violência e vulnerabilidade presentes no entorno dos sujeitos toxicômanos.

Assim, reafirmamos através da vivência dos entrevistados, a importância do papel do outro semelhante na construção subjetiva de um novo sujeito psíquico. Sua presença, seus investimentos, seu olhar, outorgam a este pequeno ser a condição de sujeito humano, logo, desejante. O abandono, a indiferença e a hostilidade como marcas essenciais deste encontro inaugural descortinam a realidade de sujeitos que se questionam incessantemente sobre suas possibilidades de ser, na medida em que se percebem aprisionados a este não desejo que os captura e pauta o seu devir. Nesta complexa teia que enreda o sujeito e o direciona ao uso do entorpecente, percebemos a presença de relações totalizantes, indiscriminadas, que os deixam novamente entregues ao desamparo de não poderem contar com o outro como vetor de uma função de cuidado.

A obstrução da construção de canais que permitam o ingresso da função paterna como um organizador psíquico que permite ao sujeito o ingresso na cadeia simbólica e a construção de destinos mais refinados para a pulsão, como o recalçamento propriamente dito, contribui para a realidade do consumo exacerbado. Ao não conseguir diferenciar-se do outro, nesta rede de relações indiscriminadas, cria-se uma modalidade de exclusão do investimento libidinal em vários objetos e o seu redirecionamento ao próprio eu,

reatualizando um modelo de descarga pulsional que redireciona a libido ao próprio corpo, numa posição de prazer auto-erótico.

Nesse sentido, a construção de um espaço de transição, que possa delimitar as bordas entre o Eu e o não Eu, torna-se um imperativo quando pensamos a toxicomania a partir da clínica psicanalítica. Neste cenário, contamos com a importância de construir com o sujeito uma relação de alteridade, auxiliando-o a criar ou retomar a capacidade desejante e a assumir uma posição de maior autonomia na condução do seu devir.

É na busca de uma sociedade composta por sujeitos mais livres que a Psicanálise ganha espaço neste terreno, por aproximar-se de práticas que consistem em uma estratégia de ampla intervenção, que propõe o resgate do capital subjetivo de sujeitos que se encontram desaparecidos diante das drogas. Se o contraponto da dependência, longe de ser a abstinência, é a liberdade, é nesta direção que os profissionais da saúde precisam direcionar seus esforços. Competir com o tóxico por um lugar no investimento do usuário não auxilia a sua possibilidade de descobrir-se capaz de assumir uma conduta mais independente. Torna-se necessário preconizar, na prática, o resgate da autonomia do consumidor, contando com a possibilidade de acessar os sentidos ocultos subjacentes ao uso de drogas, assim como contribuindo para sua reinserção no laço social através da construção de um devir repleto de projetos mais livres e menos vulneráveis.

Referências

- Birman, J. (2006). *Arquivos do mal-estar e da resistência*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Conte, M. (2003). *Psicanálise e Redução de Danos: articulações possíveis?* Acesso em 16 de junho de 2010, disponível em: http://www.apoa.com.br/uploads/arquivos/revistas/revista26_psican%C3%A1lise_e_redu%C3%A7%C3%A3o_de_danos.pdf.
- Erickson, F. (1997). Metodos cualitativos de investigación sobre la enseñanza. In M. Wittrock (Org.), *La investigación de la enseñanza* (pp. 195-301). Barcelona: Paidós.
- Figueredo, L. C. & Minerbo, M. (2006). Pesquisa em psicanálise: algumas idéias e um exemplo. *Jornal de Psicanálise*, 39(70), 257-278. São Paulo. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010358352006000100017.
- Filho, R. A. P. (2010). *Drogas: um mal-estar na cultura contemporânea*. Acesso em 10 de março de 2010, disponível em <http://www.psicologia.org.br/internacional/pscl6.htm>.
- Freud, S. (1895/1989). Projeto para uma psicologia científica. In J. Strachey (Ed. e Trad.), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 1, pp. 381-511). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1911/1989). Os dois princípios do funcionamento mental. In J. Strachey (Ed. e Trad.), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 12, p. 273-288). Rio de Janeiro: Imago.

- Freud, S. (1912/1989). Recomendações aos médicos que exercem a Psicanálise. In J. Strachey (Ed. e Trad.), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 12, pp. 149-163). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1914a/1989). A História do Movimento Psicanalítico. In J. Strachey (Ed. e Trad.), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 14, pp. 16-87). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1914b/1989). Sobre o narcisismo: uma introdução. In J. Strachey (Ed. e Trad.), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 14, pp. 89-119). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1915a/1989). O Inconsciente. In J. Strachey (Ed. e Trad.), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 14, pp. 191-251). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1915b/1989). O Instinto e suas Vicissitudes. In J. Strachey (Ed. e Trad.), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 14, pp. 137-167). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1915c/1989). O Recalque. In J. Strachey (Ed. e Trad.), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 14, pp. 169-190). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1920/1989). Além do princípio do prazer. In J. Strachey (Ed. e Trad.), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 18, pp. 13-85). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud S. (1921/1969). Psicologia dos Grupos e Análise do Ego. In J. Strachey (Ed. e Trad.), *Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 18, pp. 91-183). Rio de Janeiro: Imago.

- Freud, S. (1923/1989). O Ego e o Id. In J. Strachey (Ed. e Trad.), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 19, pp. 15-80). Rio de Janeiro: Imago
- Freud, S. (1925/1969) A Negativa. In J. Strachey (Ed. e Trad.), *Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 19, pp. 295-308). Rio de Janeiro: Imago.
- Giacobone, R. V. & Macedo, M. M. K. (2010). El dolor psíquico en el sujeto de la adicción. In *Anais do XXV Congresso Anual da Associação Escuela Argentina de Psicoterapia para Graduados* (p. 227-234). Buenos Aires
- Gurfinkel, C. (1996) *A pulsão e o seu objeto-droga: estudo psicanalítico sobre as toxicomanias*. Rio de Janeiro: Vozes.
- Kude, V. (1995). *A qualidade do atendimento na creche: um estudo em duas culturas*. Tese de Doutorado não Publicada, Faculdade de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
- Lebrun, J. P. (2010). *O mal-estar na subjetivação*. Porto Alegre: CMC Editora.
- Le Poulichet, S. (2005). *Toxicomanias y Psicoanálisis: las narcosis del deseo*. Buenos Aires: amorroto.
- Melman, J. (1992). *Alcoolismo, delinquência e toxicomania: uma outra forma de gozar*. São Paulo: escuta.
- Melman, C. (2003) *O homem sem gravidade*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud
- Ministério da Saúde (2010). *Ministério da Saúde lança campanha nacional sobre o crack*. Acesso em 20 de novembro de 2010, disponível em: <http://portal.saude.gov.br>.
- Nunes, D. C., Santos, L., Fisher, M.F., Guntzel, P. (2010). "...outras palavras sobre os cuidados de pessoas que usam drogas...". In L. M. B. Santos (Org.), *Otras*

- palavras sobre o cuidado de pessoas que usam drogas* (pp. 15-26). Porto Alegre: Ideograf.
- Nunes, M. L. T. (2004). Pesquisa qualitativa: abordagem, coleta e análise de dados. In M. Muller, D. Azevedo, & M. C. Barros (Orgs.), *Psicooncologia e interdisciplinariedade: uma experiência na educação à distância* (pp. 52-70). Porto Alegre: EDIPUCRS.
- Poli, M. C. & Becker, A. (2004) “Adolescência: uma abordagem na psicanálise lacaniana”, in Macedo, M. (org). *Adolescência e Psicanálise: intersecções possíveis*. Porto Alegre: EDIPUCRS.
- Ribeiro, C. (2009) Que lugar para as drogas no sujeito? Que lugar no sujeito para as drogas? Uma leitura psicanalítica do fenômeno do uso de drogas na contemporaneidade. *Ágora*, 12(2), 333-346. Acesso em 14 de abril de 2010, disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982009000200012.
- Schuman, D. (1982). *Policy analysis, education, and every life*. Lexington: Heath.
- Seidman, I. E. (1991). *Interviewing as qualitative research: a guide for researchers in education and the social sciences*. New York: Teachers College Press.
- Sissa, G. (1999) *O prazer e o mal: a filosofia da droga*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Torossian, S. (2003). Contribuições para a clínica psicanalítica com adolescentes usuários de drogas e toxicômanos. *Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre - A direção da cura nas toxicomanias*, 24, 61-74.

Turato, E. R. (2003). *Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa: construção teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas*. Petrópolis, RJ: Vozes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Constatando a ampliação constante do consumo de entorpecentes no contexto social brasileiro, o objetivo deste estudo se consolidou como uma problematização referente a esta realidade coletiva. Propomo-nos pensar a temática das toxicomanias, diferenciando-a das demais modalidades de consumo de drogas. Abordamos o tema desde o seu sentido mais amplo, considerando as repercussões da causa social para a construção desta realidade, trabalhamos os mecanismos intrapsíquicos envolvidos na montagem toxicômana, e problematizamos uma possível intervenção clínica, tanto em sua faceta ampliada quanto na perspectiva da clínica psicanalítica *stricto sensu*.

Nesse sentido, percebeu-se desde a perspectiva social, uma importante contribuição dos meios de produção capitalista para a configuração desta cena social em que, cada vez mais, os sujeitos encontram subsídios para sustentarem sua imagem narcísica em objetos de consumo e menos em práticas subjetivas. Desta forma, o apogeu do capitalismo e das sociedades democráticas evidencia o declínio da função patriarcal, em seu sentido mais amplo do que a figura do pai real, mas como uma função cumprida socialmente por instituições que até então serviam como representantes das interdições ao prazer ilimitado.

De acordo com este contexto, desde a perspectiva econômica, o mercado do narcotráfico é amplamente lucrativo e, refletindo acerca do sujeito consumidor, foi possível compreender que a aderência a droga desvela uma nova economia psíquica, uma busca de representantes fálicos que sustentem a identidade do sujeito. A partir da elaboração desta Dissertação se constatou importantes repercussões da causa social na economia psíquica, tendo em vista que o outro semelhante se constitui, inevitavelmente, como representante da cultura. Nesse sentido, a intensidade do traumático, nestes casos, está diretamente relacionada ao ambiente externo e a precariedade na qualidade dos

encontros primordiais, fatores que contribuem para a formação de um terreno propício para a montagem toxicômana.

Evidenciou-se, nesta pesquisa, o dramático destino de sujeitos que padecem aprisionados numa posição de alienação, cristalizados na necessidade de manterem-se como um duplo narcísico do objeto. A contribuição do contexto social para esta realidade apresentou-se através da escassez nas representações simbólicas da castração. Percebeu-se que a ausência de um operador da função paterna contribuiu para que o processo identificatório ficasse em suspenso, promovendo o aprisionamento do sujeito em identificações primárias, narcísicas, que não albergam o registro da falta. Restringe-se o espaço para as identificações secundárias, edípicas, que consideram o teste de realidade como fator preponderante para a criação das fronteiras entre o território do Eu e o do não-Eu e alicerçam projetos futuros que norteiam a existência dos sujeitos.

Define-se, então, como uma posição subjetiva preponderante na contemporaneidade a passividade e a submissão, ou seja, a reprodução crescente de relações de alienação marcando as origens dos sujeitos e influenciando de maneira preponderante seus destinos. Nesse contexto, a dependência ganha lugar de destaque, podendo se referir às drogas, às relações, aos medicamentos, enfim, a uma infinidade de objetos. Trata-se, então, de uma modalidade subjetiva que se descortina no encontro com os objetos.

Na seara específica do sujeito da dependência química percebeu-se uma matriz relacional de abandono, indiferença ou hostilidade. A presença de um ambiente que convoca o sujeito a deparar-se precocemente com *quantuns* de excitação invasivos e traumáticos, operando um registro de importantes falhas na auto-imagem e no sentimento de si. O recurso ao tóxico, ao mesmo tempo em que se consolidou como uma tentativa de inscrição identitária, surgiu como uma possibilidade do sujeito de

encontrar um destino possível para estas intensidades, através da tentativa de medicar-se pela via do entorpecente, no circuito do cancelamento tóxico da pulsão.

A complexidade da temática desta Dissertação nos indica que sua abordagem ampla depende de uma leitura multidisciplinar, ou seja, de um campo heterogêneo de contribuições, que pode contar com disciplinas como a medicina, a sociologia, a antropologia, o serviço social, entre outras. Contudo, restringimo-nos, neste estudo, a trabalhar as especificidades que as contribuições psicanalíticas podem aportar neste cenário. Frente à amplitude do tema, sabe-se que muito ainda precisa ser pesquisado sobre ele, de modo que a necessidade de seguir problematizando a causa subjetiva na toxicomania, assim como os tantos aspectos envolvidos nas questões relativas à presença das drogas na sociedade, é um argumento admitido pelo próprio Governo Federal. Este vem lançando campanhas publicitárias e destinando verbas para o fomento à pesquisas, entre outras práticas que evidenciam a demanda de seguirmos pensando esta temática.

Pela constatação do crescente número de sujeitos que sucumbem diante do poder do entorpecente, entendemos ser essencial seguirmos buscando subsídios para compreender e intervir neste campo do padecimento humano. Percebeu-se, como uma especificidade desta pesquisa, o trabalho com sujeitos que já se encontravam inseridos em instituições de tratamento. Todavia, não desconsideramos a realidade de grande parte dos usuários de drogas que se encontram em posição marginalizada, ou seja, muitas vezes, a margem da possibilidade de acessarem o SUS ou outros veículos institucionais que ofertem intervenções no sentido do cuidado de si. Acreditamos ser importante sustentar uma investigação que contemple esta realidade e que possa contribuir com diretrizes para uma intervenção como as práticas de RD e as atividades realizadas nos consultórios de rua.

A novidade que esta epidemia de drogas apresenta aos profissionais que se sentem convocados a pensar a temática demanda que as pesquisas nesse sentido sigam sendo realizadas com o intuito de seguirmos investigando na tentativa de viabilizar a compreensão do fenômeno e de contribuir com o campo da prática. Na execução desta pesquisa constatou-se a relevância de um espaço de escuta diferenciado para aqueles sujeitos que buscam os serviços de saúde, sejam eles públicos ou na singularidade da clínica psicanalítica. Contudo, não desconsideramos a importância de operarmos com a possibilidade de criação destes espaços também para aqueles sujeitos que, pela intensa vulnerabilidade social e subjetiva, não chegam a ter condições de buscar tratamento. Também nesse sentido, investigações precisam ser realizadas a fim de sustentarem intervenções que contemplem a realidade de grande parte dos usuários de drogas.

Como importante diretriz no campo da intervenção percebeu-se a necessidade de operar com a ideologia de que o oposto da dependência é o conceito de liberdade. Contudo, a partir do escopo desta Dissertação, que foi problematização do fenômeno a partir dos aportes da Psicanálise, constatou-se que esta pode ganhar terreno neste campo clínico, na medida em que, em seus pressupostos, contempla a importância de uma posição autônoma dos sujeitos em relação as suas escolhas. Assim, a partir desta estratégia clínica, pode-se propor ao sujeito a (re)construção de sua história e, sobretudo, uma reconstrução do circuito pulsional que passa a encadear-se na rede estabelecida pelo campo transferencial. O *setting* analítico pode servir como um espaço novo na vida dos sujeitos toxicômanos, na medida em que as demandas do profissional não inundem novamente o psiquismo do analisante, e o processo da cura possa comportar uma novidade em termos relacionais, ou seja, uma relação que se sustenta no pressuposto da alteridade. Acreditamos que é desta forma que a construção de uma nova

história de vida para estes sujeitos, entregues a força de Tânatos, possa ser inventada no campo psicanalítico.

ANEXOS

ANEXO I

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

(Participante)

Estamos solicitando seu consentimento de participação da presente pesquisa que tem como objetivo compreender os aspectos das dinâmicas psíquicas presentes na condição subjetiva da toxicomania em jovens. Esta pesquisa está relacionada ao grupo de pesquisa “Fundamentos e Intervenções em Psicanálise” coordenado pela Dra Mônica Medeiros Kother Macedo do Programa de Pós-Graduação da PUCRS. Tal estudo prevê a participação de indivíduos com idade entre 15 e 24 anos, independente de raça, nível sócio-econômico ou de escolaridade, que tenham buscado auxílio espontaneamente ou não em instituições destinadas ao tratamento de dependentes químicos. A partir da sua autorização, será preenchida uma ficha de dados sociodemográficos. Após isso, você participará de uma série de entrevistas, as quais terão duração de uma hora cada e serão gravadas em áudio. As entrevistas abordarão temas referentes a aspectos pessoais, sociais e familiares. Os dados obtidos nessa pesquisa serão utilizados para fins de publicações científicas, mas fica preservada a conservação do sigilo quanto à identificação dos participantes.

Em qualquer tempo, poderão ser solicitadas informações sobre os procedimentos ou outros assuntos relacionados a este estudo, com a Psicóloga Roberta Giacobone, mestrandia responsável por este estudo: (51) 3320–3633. O (a) participante poderá ainda, suspender sua participação nesta pesquisa a qualquer momento, sem qualquer ônus.

Eu, _____ (nome do participante) fui informado (a) dos objetivos do estudo de forma clara e detalhada. Recebi as informações necessárias e esclareci minhas dúvidas, fornecendo livremente o consentimento de participação na pesquisa face às informações recebidas. Declaro ainda, que recebi uma cópia deste documento.

Assinatura do Responsável

Data

Roberta Giacobone - CRP 07/13390

Data

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**(Familiares)**

Estamos solicitando seu consentimento de participação da presente pesquisa que tem como objetivo compreender os aspectos das dinâmicas psíquicas presentes na condição subjetiva da toxicomania em jovens. Esta pesquisa está relacionada ao grupo de pesquisa “Fundamentos e Intervenções em Psicanálise” coordenado pela Dra Mônica Medeiros Kother Macedo do Programa de Pós-Graduação da PUCRS. Tal estudo prevê a participação de indivíduos com idade entre 15 e 24 anos, independente de raça, nível sócio-econômico ou de escolaridade, que tenham buscado auxílio espontaneamente ou não em instituições destinadas ao tratamento de dependentes químicos. A partir da sua autorização, você participará de uma entrevistas, a qual terá duração de uma hora e será gravada em áudio. A entrevista abordará temas referentes a aspectos pessoais, sociais e familiares do seu familiar. Os dados obtidos nessa pesquisa serão utilizados para fins de publicações científicas, mas fica preservada a conservação do sigilo quanto à identificação dos participantes.

Em qualquer tempo, poderão ser solicitadas informações sobre os procedimentos ou outros assuntos relacionados a este estudo, com a Psicóloga Roberta Giacobone, mestranda responsável por este estudo: (51) 3320–3633. O (a) participante poderá ainda, suspender sua participação nesta pesquisa a qualquer momento, sem qualquer ônus.

Eu, _____ (nome do participante) fui informado (a) dos objetivos do estudo de forma clara e detalhada. Recebi as informações necessárias e esclareci minhas dúvidas, fornecendo livremente o consentimento de participação na pesquisa face às informações recebidas. Declaro ainda, que recebi uma cópia deste documento.

Assinatura do Responsável

Data

Roberta Giacobone - CRP 07/13390

Data

ANEXO II

FICHA DE DADOS SOCIODEMOGRAFICOS

Ficha de Dados Pessoais e Sociodemográficos

Data: _____/_____/_____

Dados de Identificação:

Sexo: _____

Data de Nascimento: _____

Nacionalidade: _____

Estado Civil:

- Solteiro
 Casado
 Viúvo
 Amigado/União Estável
 Separado Judicialmente
 Divorciado

Escolaridade:

- Nenhuma
 Fund. Incompleto/ Até que ano? _____
 Fundamental Completo
 Médio Incompleto/Até que ano? _____
 Superior Incompleto
 Superior Completo
 Pós-Graduação

Filhos: Sim Não /Idades: _____

Profissão: _____

Ocupação Atual: Trabalhando Aposentado Desempregado Nunca TrabalhouRenda Provém: Pensão Salário Ajuda de Terceiros Outros:Religião: _____Praticante? Sim Não**Dados Familiares**Com quem você mora? Sozinho

- Pai
 Mãe

() Irmãos /Quantos? _____ -

() Filhos / Quantos? _____ Idades: _____

() Companheiro (a)/Quanto tempo? _____

() Outros _____

Alguém da Família fez /faz tratamento médico e/ou psicológico?

() Sim () Não

Quem? _____

Motivo? _____

Há quanto tempo? _____

Dados de Saúde

Tem atividades de lazer? () Sim () Não

Quais: _____

Você fez/faz tratamento psicológico? () Sim () Não

Há quanto tempo? _____

Motivo: _____

Faz uso de medicação psiquiátrica? () Sim () Não

Qual: _____

Há quanto tempo? _____

Fez uso de medicação psiquiátrica? () Sim () Não

Por quanto tempo? _____

Com que idade teve seu primeiro episódio de uso de droga?

Já teve internações psiquiátricas? _____

Motivo: _____

ANEXO III
DESCRIÇÃO DOS ESTUDOS DE CASO

Caso Bruno – 31 anos

O ponto de partida da história de Bruno, tanto em seu relato como no de sua mãe, é o processo de abandono da mãe biológica e de adoção pela família que o criou, através de uma “maracutaia” organizada por um tio que era político. A mãe não consegue lhe contar sobre sua origem, pois isso remetia a sua impossibilidade de ter filhos. Quando Bruno tinha 7/8 anos nasce a primeira filha biológica de Branca e, nesta mesma época, ele descobre ser filho adotivo através de um tio bêbado. Afirma não ter ficado com raiva da mãe, mas “amoletava” a pau os primos que diziam para ele que fora achado na lata do lixo.

Sua origem tem referência em um trauma, uma intensidade que não pode ser nomeada, pensada e representada psiquicamente e fica como uma energia desligada de representação, que não encontra descarga pela via da palavra e encontra alívio pela via do ato. Não pode sentir o impensável – descarga pelo pólo motor. Nesta linha de raciocínio, o bloqueio escolar pode estar relacionado com esta impossibilidade de saber sobre sua história, sua origem, sobre quem é. Bloqueio do pensamento.

Dos sete primos que moravam no mesmo pátio, apenas 1 se deu bem na vida. “quem sai do ninho se dá bem”. Mas este primo precisou estudar, se esforçar, suportar a frustração de trabalhar no Mc Donalds e ganhar por mês o que os demais ganhavam diariamente no tráfico de drogas ou executando pequenos furtos.

Sua questão principal gira em torno da impossibilidade de processar psiquicamente esta experiência primordial de rejeição/indiferença, porque este processamento evidenciaria uma impossibilidade da mãe adotiva: ela não podia ter filhos. Talvez tenhamos uma hipótese para pensar o que contribui para a condição de impensável que sua origem lhe coloca: a suposta denúncia que faz a castração materna e, conseqüentemente, ao desamparo vivido por Bruno. Este segundo encontro de sua história, com a mãe adotiva, é descrito pela expressão “nós somos fundidos” ou então “minha mãe é tudo para mim”. Ela diz que nunca foi contra ele procurar pela mãe biológica, mas admite que para ela isso seria muito difícil de suportar. Se para ela é tão difícil falar desta história (história que aponta para sua imaginaria impossibilidade de maternagem) como ele poderia elaborar esta intensidade, transformá-la em história, conhecer sua origem, representar esta quantidade oriunda da realidade material e que o acomete em seu devir?

A mãe adotiva é descrita como aquela que tem tudo, que trabalha muito e que, embora fundida a ele, não se liga no que se passa na vida dele. Só percebeu que ele usava drogas quando ele pediu para ser internado.

Os modelos paternos são todos alcoólatras, tanto o pai adotivo, o padrasto e o tio que lhe conta sobre sua origem. Sobre o pai adotivo afirma não lembrar, diz que não sabe nem se ta vivo ou morto, pois depois da separação não procurou mais por ele. “Ele nunca me procurou, porque eu vou procurar? Às vezes é a lei do mais forte que funciona para mim. Para mim é só a minha mãe e deu”.

O padrasto é descrito como um modelo identificatório, na medida em que Bruno afirma ser através dele que sabe fazer algumas coisas na vida. “Tudo que eu sei foi ele quem me ensinou”. Mas este padrasto registra Bruno quando o mesmo já tem 19 anos, ele se orgulha de ter o nome do padrasto, mas afirma que tem o nome dele, dando indícios de que não se apropriou do nome do pai.

Seu uso de drogas teve início aos 12 anos, com álcool, aos 14 anos passou a associar este com a cocaína e aos 17 iniciou o consumo de crack. Descreve-se como o “Tesouro da mamãe”, afirmando que era um santinho na frente dela e um diabinho quando ela não estava olhando. Trabalhava como segurança em casas noturnas, o que facilitou seu acesso as drogas. Trabalhou no tráfico, foi dono de um mini-mercado, mas a intensidade do consumo o fez perder suas condições de trabalho. No auge do uso de drogas se tornou morador de rua. Durante as entrevistas estava para nascer seu terceiro filho, cada um com uma mãe diferente.

Enigma em relação a sua identidade.

Caso Giovanna – 21 anos

Giovanna foi abandonada por sua mãe ao nascer. A moça, na época com 17 anos, fora abandonada pelo namorado no segundo mês de gestação e entregou a filha para sua mãe criar assim que a mesma nasceu e sumiu por 10 anos. Depois deste período retornou ao convívio familiar, moravam todos no mesmo pátio, e teve mais uma serie de relacionamentos e filhos. Giovanna tem 7 irmãos, que afirma serem de pais diferentes e desconhecidos.

Seu pai biológico não a conheceu e nem teve interesse em registrá-la. Quem a registrou foi um namorado da mãe, e, através deste encontro paterno surgiu uma intensa convivência com a tia adotiva, irmã do pai adotivo, com quem Giovanna mora

atualmente. Seu pai adotivo é pai biológico de alguns dos seus irmãos, mas ela não saberia dizer quantos e nem quais.

De acordo com Giovanna, a mãe a responsabiliza pelos problemas de sua vida, afirma que se não fosse por esta gravidez precoce as coisas seriam diferentes. Com o retorno ao convívio materno as brigas passaram a ser constantes, embora Giovanna se mantivesse morando com a avó e com a tia. Afirma ser um grande sofrimento em sua vida a falta e a rejeição da mãe biológica, que, às vezes afirma odiar e, em outras vezes, diz querer conquistar. Ela começa a usar cocaína com 18 anos, experimentando com a mãe, que também é usuária, segundo ela, como uma tentativa de ser amada e aceita por ela. Atualmente Giovanna é usuária de cigarro, maconha, cocaína e pitico.

É homossexual e conta que seu primeiro objeto de vício é o sexo. Afirma ser carente e ser uma assassina que deseja matar a mãe para se livrar dos problemas que a impulsionam a usar drogas, em seu ponto de vista, o fato da mãe ter se casado com um homem negro que fez com que elas se separassem novamente. Isto porque o uso de drogas a aproximou por um período, mas a chegada deste homem provocou uma nova ruptura na relação das duas, problemática que a leva mais intensamente para o universo das drogas, numa tentativa de mitigar seu sofrimento. Atualmente, abandonou o colégio sem tê-lo concluído, mora com a tia, que é quem a sustenta, e tem por ocupação única seu tratamento.

ANEXO IV

APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA PUCRS



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

OF.CEP-369/11

Porto Alegre, 28 de fevereiro de 2011.

Senhora Pesquisadora,

O Comitê de Ética em Pesquisa da PUCRS apreciou e aprovou seu protocolo de pesquisa registro CEP 11/05320 intitulado **"O sujeito da dependência química: um olhar psicanalítico acerca da alquimia dos humores"**.

Salientamos que seu estudo pode ser iniciado a partir desta data.

Os relatórios parciais e final deverão ser encaminhados a este CEP.

Atenciosamente,

Prof. Dr. Rodolfo Herberto Schneider
Coordenador do CEP-PUCRS

Ilma. Sra.
Profa. Dra. Monica Medeiros Kother Macedo
FAPSI
Nesta Universidade

PUCRS

Campus Central
Av. Ipiranga, 6690 - 3º andar - CEP: 90610-000
Sala 314 - Fone Fax: (51) 3320-3345
E-mail: cep@pucrs.br
www.pucrs.br/prppg/cep